

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MICHELE CARVALHO NUNES

**O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE
EDITORAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

Porto Alegre

2007

MICHELE CARVALHO NUNES

**O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE
EDITORÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na Disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato

Porto Alegre

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Dr. José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-Reitor: Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretor: Prof. Dr. Valdir José Morigi
Vice-Reitor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Prof^a. Dr^a. Iara Conceição Bitencourt Neves
Vice-Chefe: Prof^a. Ms. Jussara Pereira Santos

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Coordenadora: Prof^a. Ms. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Vice-Chefe: Prof^a. Ms. Neiva Helena Ely

N972a Nunes, Michele Carvalho

O Papel do Bibliotecário no Processo de Editoração de Periódicos Científicos / Michele Carvalho Nunes ; orient. Sônia Elisa Caregnato. – Porto Alegre, 2007.
83 f. ; 27 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia, 2007.

1. Periódico científico 2. Editoração científica 3. Papel do profissional da informação. 4. Bibliotecário I. Caregnato, Sônia Elisa II. Título.

CDU – 050

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Campus da Saúde
Bairro Santana
Porto Alegre, RS
CEP: 90.035-007
Telefone: (51) 3308-5067
Fax: (51) 3308-5435

MICHELE CARVALHO NUNES

**O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE
EDITORAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na Disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em Porto Alegre, em 28 de novembro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato
Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Ida Regina Chittó Stumpf

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^a. Ms^a. Ana Moura Mielniczuk de Moura

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Aos meus pais, Eida e Fernando, e avós, Doracy e Djalmo, pelo amor e apoio incondicionais.

Ao meu irmão, Nicolas, esperando que sirva de exemplo para seu futuro.

Ao meu marido, Leone, pelo seu amor, carinho, paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato, pela sua acolhida, interesse, carinho e respeito, e ainda pelas idéias, críticas e sugestões em todas as etapas deste estudo.

A todas as bibliotecárias participantes desta pesquisa pela receptividade e pela disposição em ajudar para que este estudo pudesse ser concretizado.

À Escola de Enfermagem da UFRGS, em especial à Revista Gaúcha de Enfermagem, pela sua acolhida nesses quatro anos de estágio que me proporcionaram o gosto pela profissão e a certeza de que estava no caminho certo. À bibliotecária Celina Leite Miranda, que me apresentou a esse mundo das normas técnicas de documentação e da editoração de periódicos científicos pelo qual me apaixonei e descobri meu rumo dentro da profissão. À bibliotecária Michele Dias Medeiros pelo seu carinho, sua amizade e sua pronta disposição em ajudar no que fosse preciso. À Antonieta Luz da Silva, colega e amiga que guardarei para sempre no meu coração. Às professoras Ana Bonilha e Regina Witt pela valorização do meu trabalho e pela confiança em mim depositada.

Aos colegas do Curso de Biblioteconomia pelos momentos que compartilhamos de aprendizagem, somados a alegrias, ansiedade e expectativas.

Às minhas grandes amigas, quase irmãs, Cristiane, Daniela e Kely, pelo carinho constante, apesar da distância, e pela compreensão da minha ausência.

Às minhas queridas amigas, Camila, Charlise, Denise, Fernanda, Larissa e Tatiane, pelos momentos de alegria e pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis desse último ano.

Aos meus pais, Eida e Fernando, que sempre me apoiaram e me incentivaram de todas as formas, e também proporcionaram todas as condições para que eu chegasse onde estou. Aos meus avós, Doracy e Djalmo, meus segundos pais, a quem nutro profundo amor e respeito, e que sempre me deram tudo de que eu precisava e muito mais. Aos meus avós maternos (*in memoriam*), Elvira e Alvino, que não puderam ver de perto a conquista dessa grande vitória, mas tenho a certeza de que, onde estiverem, estão muito felizes e orgulhosos. À minha madrinha, Aira, pelo exemplo de garra e determinação. E ao meu irmão, Nicolás, por entender meu afastamento.

Ao amor da minha vida, meu marido Leone, que esteve sempre ao meu lado, compartilhando as dificuldades e ajudando a superá-las – quase sempre – com paciência, carinho e compreensão, o que me deu forças para chegar ao fim dessa jornada.

Enfim, a Deus, que me iluminou nos momentos mais difíceis, quando parecia que o final estava muito distante.

“Na vida é preciso ter coragem para correr riscos, para aventurar-se no espaço desconhecido. É preciso também garra, ousadia, determinação, cautela para enfrentar os momentos de tristeza, competição, confusão, solidão e raiva... O importante é não desistir.”

Maria Tereza Maldonado

RESUMO

Aborda o papel do bibliotecário no processo de editoração dos periódicos científicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Verifica como ele vem atuando e como pode atuar nesse processo. Identifica o grau de satisfação desses bibliotecários, assim como as dificuldades que encontram na realização das suas atividades. Analisa a importância de existir um bibliotecário atuando no processo de editoração de periódicos científicos. Caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório e com abordagem qualitativa. O corpus inicial foi composto por 37 títulos de periódicos científicos editados pelas unidades da UFRGS. Desses, selecionou-se apenas aqueles em que havia bibliotecários atuando efetivamente no seu processo de editoração na época da coleta de dados, totalizando oito títulos e oito bibliotecários. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, com perguntas abertas direcionadas aos bibliotecários sobre sua atuação no processo de editoração do periódico. Os dados foram analisados e classificados em categorias. Constatou-se que apenas 35,5% das revistas pesquisadas possuem bibliotecários atuando no seu processo de editoração. Verificou-se que todas as bibliotecárias entrevistadas têm envolvimento direto com a Universidade, e apenas uma delas não trabalha na biblioteca da unidade mantenedora da revista. A normalização é a atividade mais realizada por elas. Duas bibliotecárias participam de todo o processo de editoração do periódico e auxiliam diretamente o editor em todas as suas etapas. Para metade das entrevistadas, as atividades que realizam nos periódicos são suficientes porque precisam dividir o seu tempo de trabalho com a biblioteca. Observou-se que todas as bibliotecárias sentem-se satisfeitas com seu trabalho e gostam do que fazem. As dificuldades mais comentadas por elas foram o fato dos autores não seguirem as instruções publicadas na revista e a não inclusão das suas correções e alteração da formatação da revista por parte da gráfica que faz a editoração dos fascículos. A maioria das entrevistadas citou que apenas os conhecimentos básicos aprendidos no seu curso de graduação ajudam a realizar o seu trabalho no periódico. Consideram que os conhecimentos relacionados ao fluxo editorial de uma revista e a constante atualização profissional são imprescindíveis para o exercício das suas atividades. Referiram que é muito importante a presença de um bibliotecário no processo de editoração dos periódicos científicos para a

manutenção de um padrão de normalização, o que influencia diretamente na qualidade da revista. Acredita-se que o bibliotecário é um profissional especializado que pode agregar valor e qualidade a qualquer título de periódico, e pode auxiliar o editor em todas as fases do processo de editoração de uma revista. Verifica-se a falta de estudos sobre esse tema e sugere-se a realização de pesquisas de maior amplitude com periódicos científicos de todas as regiões do Brasil.

Palavras-chave: Periódico científico. Editoração científica. Papel do profissional da informação. Bibliotecário.

ABSTRACT

Librarian' role in the scientific journals editing process was approached at the Federal University of *Rio Grande do Sul* (UFRGS). It verifies they have been working and how they can work in this process. Librarians' satisfaction level, as well as, the difficulties that they find in their work were identified. The importance of the existence of a librarian working in the scientific journals editing process was analyzed. An applied research, with exploratory character and qualitative approach was carried out. The selected corpus was composed by 37 scientific journals titles edited by the UFRGS units. Of these, only the journals that had librarians working in their editing process at the time of data collection were selected, summing up eight titles and eight librarians. For data collection semi-structured interview was used, with open questions directed to the librarians about their work in the journal editing process. Data were analyzed and classified into categories. They showed that only 35.5% of the researched journals have librarians working in their editing process. All of the interviewed librarians have an involvement with the University, and only one of them doesn't work in the units' library. Normalization is the activity they practice the most. Two librarians participate all through the journal editing process and directly assist the editor in all its stages. To half of them, the activities they carry out at the journals are enough, because they need to share their work time with the library. It was observed that all librarians are satisfied with their work and like what they do. The most commented difficulties were the fact of the authors fail in following the instructions published in the journal and the non inclusion of their corrections by the printer's that makes the issues editing and the journal formatting change on this process. Most of the interviewed referred that just the basic knowledge learned at the undergraduate course help them to carry out their work in the journal. They consider that the journal editing process knowledge and the constant professional up-to-dating are indispensable to practice their activities. Librarian's presence in the scientific journals editing process was referred as very important for the maintenance of a normalization standard, which has a direct influence on the journal quality. It's believed that the librarian is a specialized professional who can add value and quality to any journal title, and can assist the editor through all journal editing process

stages. The lack of studies on this subject was verified and it indicates the need of carrying out wider researches with scientific journals from all Brazilian regions.

Keywords: Scientific journals. Scientific editing process. Information professional's role. Librarian.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	<i>American Psychological Association</i>
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICMJE	<i>International Committee of Medical Journal Editors</i>
ISSN	<i>International Standard Serial Number</i>
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>
OJS	<i>Open Journal Systems</i>
ONGs	Organizações não governamentais
PDF	<i>Portable Document Format</i>
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A Comunicação Científica	16
2.2 Evolução Histórica do Periódico Científico	17
2.3 Características e Funções do Periódico Científico	18
2.4 O Processo Editorial de Periódicos Científicos	19
2.4.1 Os Editores e as Comissões Editoriais.....	22
2.4.2 Os Avaliadores	23
2.5 O Periódico Científico Eletrônico	24
2.6 O Profissional da Informação	27
2.6.1 O Profissional Bibliotecário.....	27
2.6.2 A Comunicação Científica como Campo de Atuação do Bibliotecário	30
3 METODOLOGIA	33
3.1 Tipo de Estudo	33
3.2 Corpus e Sujeitos da Pesquisa	33
3.3 Coleta de Dados	34
3.4 Análise dos Dados	36
3.5 Aspectos Éticos	36
3.6 Limitações do Estudo	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
4.1 Caracterização dos Periódicos e dos Sujeitos da Pesquisa	38
4.2 Atividades Desenvolvidas	42
4.3 Satisfação	44
4.4 Dificuldades Encontradas	48
4.5 Outras Atividades	52
4.6 Impacto do Formato Eletrônico e do Crescimento da Revista	54
4.7 Conhecimentos Aprendidos no Curso de Graduação em Biblioteconomia ..	57
4.8 Conhecimentos Adicionais Necessários	59
4.9 Importância do Bibliotecário nos Periódicos Científicos	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72

APÊNDICE A – Mensagem Encaminhada aos Editores dos Periódicos	79
APÊNDICE B – Instrumento para Coleta de Dados	80
APÊNDICE C – Quadro Sinóptico das Entrevistas	81
APÊNDICE D – Lista dos Periódicos Pesquisados	83

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central a atuação do bibliotecário no processo de editoração de periódicos científicos.

Os periódicos se tornaram uma das ferramentas mais importantes para divulgação do conhecimento científico. Desde sua criação, foram se tornando cada vez mais especializados, passando por diversas mudanças de acordo com os avanços tecnológicos de cada época. A partir do século XX houve um aumento exponencial no número de títulos, provocando também um aumento da produção científica de todas as áreas do conhecimento.

Nas duas últimas décadas, surgiu em meio à revolução tecnológica o periódico eletrônico, como uma alternativa à versão impressa e com o intuito de oferecer mais agilidade e eficiência no processo de edição e distribuição dos artigos científicos. Com isso, o processo tradicional de editoração de periódicos está passando por uma mudança significativa.

O bibliotecário é um profissional especializado que pode contribuir muito no processo de editoração de periódicos, não só na normalização dos fascículos como também em outras atividades, principalmente com o advento do processo de editoração eletrônica, pois segundo Arellano, Ferreira e Caregnato (2005, p. 216), “As atividades de editoração de uma revista científica eletrônica exigem das equipes envolvidas novas habilidades na criação, no armazenamento e acesso às informações contidas nos documentos digitais.”

A escolha do tema ocorreu devido à experiência da graduanda como bolsista de Biblioteconomia em um periódico da área da Saúde, que resultou no seguinte questionamento: qual a função do bibliotecário na produção de um periódico científico?

Este estudo teve como **objetivo geral** identificar o papel do bibliotecário no processo de editoração de periódicos científicos. Os **objetivos específicos** foram:

- a) realizar um levantamento dos periódicos científicos da UFRGS que possuem bibliotecários atuando no seu processo de editoração;
- b) verificar como o bibliotecário vem atuando no processo de editoração de periódicos científicos;

- c) verificar o grau de satisfação dos bibliotecários que atuam em periódicos científicos em relação ao seu trabalho;
- d) identificar as dificuldades encontradas pelos bibliotecários na realização das suas atividades no periódico;
- e) verificar como o bibliotecário pode atuar no processo de editoração de periódicos científicos;
- f) analisar a importância de existir um bibliotecário atuando no processo de editoração de periódicos científicos.

Para responder ao problema da pesquisa buscou-se embasamento no referencial teórico existente sobre comunicação científica, periódicos científicos tradicionais e eletrônicos, processo de editoração de periódicos científicos e profissionais da informação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir é apresentado o referencial teórico que embasa este estudo.

2.1 A Comunicação Científica

A comunicação científica surgiu da necessidade que os pesquisadores tinham de comunicar os resultados das suas investigações. Para Meadows (1999, p. vii), “A comunicação situa-se no próprio coração da ciência.” e é tão importante quanto a pesquisa em si, já que, para torná-la válida, é necessário que seja analisada e aceita pelos pares, exigindo-se, assim, que seja comunicada. Segundo Stumpf (2000, p. 108-109), “[. . .] a investigação científica que não é comunicada não existe [. . .].”, e é por meio dessa comunicação que o cientista recebe crédito científico e prestígio profissional como forma de retribuição pelo seu esforço.

Meadows (1999) divide os canais de comunicação em dois grupos: o formal e o informal. A comunicação informal inclui cartas, conversas, palestras e todo tipo de contato pessoal entre os pesquisadores. No entanto, pela sua natureza efêmera e sendo posta à disposição apenas para um público limitado, não permite que seja utilizada para comprovação de descobertas científicas. A comunicação formal, que inclui todas as formas de literatura, pode ficar disponível por um longo tempo e para um público amplo. Stumpf (2000) cita que, para tornar o conhecimento científico confiável, é necessário que ele tenha passado por um processo de avaliação e esteja registrado numa forma permanente que permita a divulgação para uma grande audiência, necessitando de um canal formal de comunicação.

Com o advento da imprensa na Europa, a partir século XV, a comunicação científica tornou-se muito mais fácil e a disponibilidade de textos impressos cresceu com rapidez, melhorando e agilizando a difusão das pesquisas e atingindo, assim, um grupo maior de pessoas (MEADOWS, 1999). É nesse cenário que surgiu, no século XVII, uma das principais e mais importantes formas da comunicação da ciência: o periódico científico.

2.2 Evolução Histórica do Periódico Científico

Os periódicos científicos surgiram devido a diversas razões, mas o principal motivo foi a necessidade de comunicação das pesquisas de uma maneira formal e eficiente, para um público crescente e interessado em novas realizações (MEADOWS, 1999).

O periódico surgiu na Europa na segunda metade do século XVII com o *Journal des Sçavants*, fundado pelo francês Denis de Sallo, e possuía uma cobertura bastante ampla, como catalogar e resumir livros importantes, publicar necrológios de personalidades ilustres, descrever progressos científicos e técnicos e registrar as principais decisões jurídicas (MEADOWS, 1999). No entanto, verificou-se que não era possível manter todo aquele amplo leque de temas e se passou a veicular basicamente temas não-científicos. Portanto, o *Philosophical Transactions*, criado em Londres pela *Royal Society* poucos meses após o surgimento do *Journal des Sçavants*, é que foi considerado o verdadeiro precursor do moderno periódico científico, já que somente se interessava por estudos “experimentais” (MEADOWS, 1999), e constituiu-se um modelo para as publicações das sociedades científicas que surgiram posteriormente (BUFREM *et al.*, 2003).

De acordo com Stumpf (1996), os periódicos científicos se disseminaram por toda a Europa durante o século XIII como veículos de divulgação das sociedades e academias científicas. Nessa mesma época surgiram os periódicos especializados em áreas específicas do conhecimento, mas os periódicos não especializados ainda predominavam.

A partir da segunda metade do século XX, os periódicos científicos tiveram um crescimento exponencial, passando por modificações, reestruturações e adaptações de acordo com os avanços tecnológicos de cada época, provocando, assim, um aumento excessivo no número de periódicos em todos os campos do conhecimento (STUMPF, 1996; FACHIN; HILLESHEIM, 2006).

Segundo Bufrem *et al.* (2003, p. 4), com a grande quantidade de títulos de periódicos que surgiram, a produção científica aumentou vertiginosamente, e o periódico passou a ser muito procurado pelos pesquisadores, tornando-se decisivo para a expansão das suas áreas do saber. “Assim, o estudo da comunicação científica mediada por periódicos passou a ser prática comum para explorar

tendências da literatura científica e avaliar a produção de artigos nas diversas áreas do conhecimento.”. Esse tipo de comunicação tornou-se, então, um meio de atualização indispensável para a evolução da ciência em todas as áreas.

2.3 Características e Funções do Periódico Científico

O periódico científico é reconhecido como o principal veículo de disseminação do conhecimento científico, sendo a memória da ciência. Constitui um meio formal em que o sistema editor-avaliadores garante a qualidade das pesquisas, sendo um meio de validação do trabalho do pesquisador, priorizando a descoberta científica. Esse controle de qualidade dá validade à ciência, tornando-a pública, e lhe confere maior legitimidade e credibilidade. Também atribui prestígio e reconhecimento a autores, instituições, editores e avaliadores (ZIMAN, 1979; BARRADAS, 2005). Segundo Bomfá (2003, p. 31), “A publicação em periódicos, mediante artigos, tem boa aceitação, visto que são fáceis de serem classificados, catalogados e reproduzidos.”.

Em relação à sua definição, Fachin e Hillesheim (2006, p. 28) afirmam que

[. . .] os periódicos científicos são todas ou quaisquer tipos de publicações editadas em números ou fascículos independentes, não importando a sua forma de edição, ou seja, seu suporte físico (papel, CD-ROM, bits, eletrônico, *on-line*), mas que tenham um encadeamento seqüencial e cronológico, sendo editadas, preferencialmente, em intervalos regulares, por tempo indeterminado, atendendo às normalizações básicas de controle bibliográfico. Trazem ainda, a contribuição de vários autores, sob a direção de uma pessoa ou mais (editor) e de preferência uma entidade responsável (maior credibilidade). Poderão, igualmente, tratar de assuntos diversos (âmbito geral) ou de ordem mais específica, cobrindo uma determinada área do conhecimento [. . .].

Segundo Herschman (1970) *apud* Oliveira (1996, p. 2)¹, a importância do periódico na comunicação científica se deve às suas três funções básicas: “[. . .] a) função de registro público oficial; b) função de disseminação; c) meio que conduz ao

¹ HERSCHMAN, A. The primary journal: past, present and future. **J. Chem. Doc.**, v. 10, n. 1, p. 37-42, 1970. *Apud* OLIVEIRA, 1996, p. 2.

prestígio e reconhecimento.”. Para Oliveira (1996), essas funções se interpenetram, preenchendo determinadas necessidades dos cientistas e do funcionamento da ciência. De acordo com Miranda e Pereira (1996), a função de disseminação está intimamente ligada com a função de recuperação dessas informações, desempenhando um papel importante para a visibilidade do periódico, de seus autores e editores.

2.4 O Processo Editorial de Periódicos Científicos

O processo editorial de um periódico científico engloba a criação, distribuição, busca e disseminação do conhecimento em uma disciplina específica. Esse processo tradicional de editoração de periódicos científicos pode ser melhor compreendido ao se analisar a Figura 1, adaptada de Zhao e Resh (2001). As elipses indicam funções, os retângulos arredondados representam atividades e as setas indicam uma seqüência entre duas atividades. A linha pontilhada liga os autores e leitores, que muitas vezes são representados pelo mesmo grupo de pessoas, marcando o início e fim do processo. As atividades que pertencem à mesma função estão cercadas por um retângulo e ligadas àquela função.

Pode-se perceber, na Figura 1, que os bibliotecários são incluídos nesse ciclo apenas na fase de codificação e armazenamento dos materiais de maneira a torná-los acessíveis aos leitores. Não há menção de que o bibliotecário possa atuar também em etapas anteriores a essa, como na fase 7 referente à preparação da revista, que consiste na revisão, normalização e preparação dos artigos para publicação, função originalmente destinada ao editor.

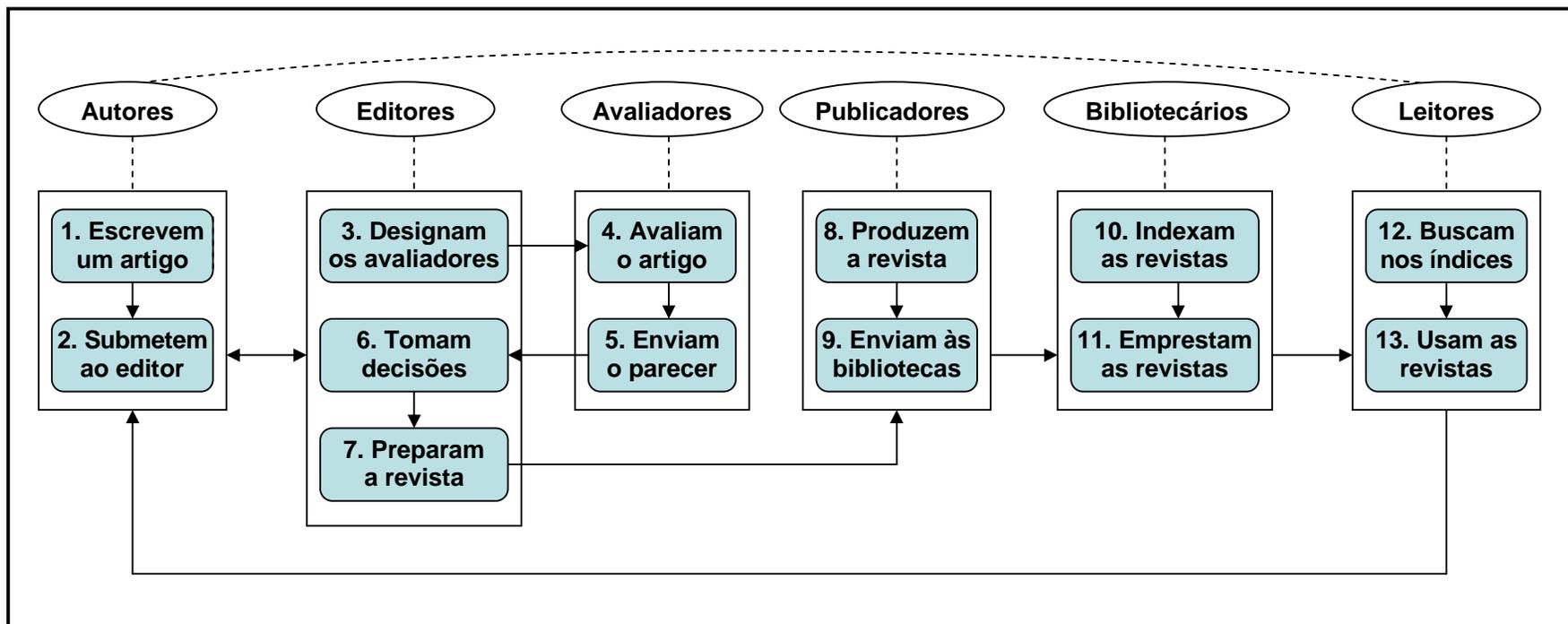


Figura 1 – Processo tradicional de editoração de periódicos científicos.
Fonte: Adaptação do fluxograma de Zhao e Resh (2001, p. 104).

Schultze (2005) apresenta o processo de editoração de um periódico científico com um enfoque maior nas suas diferentes fases, referindo que este processo varia de título para título e depende das características da unidade publicadora, entretanto, possui algumas fases específicas que são comuns a qualquer revista científica impressa, como:

- a) definição do projeto gráfico: fase necessária apenas no momento da publicação do primeiro fascículo, em que são definidos os leiautes de capa e de miolo;
- b) recebimento dos artigos: fase na qual o responsável pelo periódico encarrega-se de receber e organizar os artigos candidatos à publicação;
- c) avaliação dos artigos: fase em que os artigos recebidos são analisados, normalmente, por membros do conselho editorial da revista;
- d) preparação dos artigos: fase composta pela revisão e normalização dos artigos, realizada por revisores especializados ou pelo próprio editor;
- e) editoração: fase na qual os artigos são diagramados eletronicamente conforme o padrão gráfico estabelecido anteriormente, sendo realizada pelo próprio editor, pessoas ligadas a ele ou empresas especializadas;
- f) acompanhamento gráfico: fase na qual o editor, ou outra pessoa responsável pela produção editorial, verifica a adequação da impressão às características preestabelecidas, sendo ainda responsável pela aprovação da prova heliográfica².

O autor supracitado vai mais além, quando refere que a fase de preparação dos artigos, na qual normalmente se concentra a atuação do bibliotecário, pode ser realizada também por revisores especializados, e não somente o editor. Acredita-se que o bibliotecário poderia atuar também em outras fases, como na definição do projeto e acompanhamento gráfico.

Percebe-se que Schultze (2005) desconcentra um pouco as funções do editor em seu esquema, mencionando que esse pode ser auxiliado em todas as fases do

² A prova heliográfica é o “Boneco do periódico impresso pela gráfica como prova do produto final, para verificação da montagem dos cadernos e eventuais correções de erros não detectados anteriormente.” (SCHULTZE, 2005, p. 6-7).

processo por outras pessoas, sejam pesquisadores da área ou profissionais, especializados ou não.

2.4.1 Os Editores e as Comissões Editoriais

De acordo com Gonçalves, Ramos e Castro (2006), todo periódico científico deve ter uma estrutura mínima, composta pelo editor científico, corpo editorial, formado por pesquisadores da área e consultores, e secretaria.

Os termos comissão editorial, conselho editorial, corpo editorial e comitê editorial são usados por diversos autores muitas vezes com o mesmo significado. Para fins deste trabalho, serão utilizados os seguintes termos com seus respectivos significados:

- a) comissão editorial: pesquisadores que auxiliam diretamente o editor na execução das suas tarefas;
- b) conselho editorial: especialistas da área que avaliam os trabalhos encaminhados à revista;
- c) corpo editorial: formado pela comissão editorial e pelo conselho editorial.

Segundo Valério (1994, p. 65), o editor “[. . .] é responsável por todas as etapas que envolvem a rotina de uma publicação científica, incluindo aspectos administrativos, financeiros e, principalmente, aqueles que dizem respeito à qualidade do periódico.”. É ele quem faz uma análise preliminar do artigo para verificar se a temática está de acordo com os assuntos aceitos para publicação e se segue as normas de apresentação da revista. Nesse caso, o editor pode devolver o artigo ao autor para se adequar às normas de publicação ou ainda enviá-lo para os avaliadores (STUMPF, 2005).

Compete ainda ao editor a comunicação com os autores sobre todo o processo de publicação do artigo, e também com os avaliadores, controlando o envio dos trabalhos, os prazos para devolução dos pareceres e a necessidade de que seja consultado outro avaliador, no caso de pareceres divergentes (STUMPF, 2005).

O levantamento e a administração de recursos financeiros, materiais e pessoais, assim como todas as etapas da editoração do periódico, como preparação dos originais, revisão de provas, publicação e distribuição também costumam ser de responsabilidade do editor (VALÉRIO, 1994).

Para facilitar o trabalho do editor, este pode ser assessorado por uma comissão editorial formada por pesquisadores (em número não superior a três) que possam auxiliá-lo na tomada de decisões ao longo de todo o processo de editoração. O editor e a comissão editorial examinam os pareceres dos avaliadores e tomam a decisão final de aceitar ou não o artigo para publicação, ou ainda devolvê-lo aos autores para que realizem modificações (STUMPF, 2005).

2.4.2 Os Avaliadores

O sistema de avaliação mais utilizado pelos periódicos científicos e amplamente aceito pela comunidade científica é conhecido na literatura por sistema de avaliação pelos pares, sistema de arbitragem, avaliação de originais, revisão por pares, ou ainda, na sua versão em inglês, *referee system* ou *peer review*. Consiste, segundo Gonçalves, Ramos e Castro (2006, p. 173), “[. . .] no envio de todo trabalho submetido à publicação em uma revista para dois ou mais especialistas da área, membros da própria comunidade científica, para revisão e indicação do trabalho para publicação.”. Esse sistema formaliza a seleção dos artigos, validando a metodologia científica utilizada e a relevância e qualidade dos resultados apresentados pelos autores, garantindo a qualidade dos trabalhos.

Os avaliadores, também denominados consultores, pareceristas, árbitros ou *referees*, fazem parte do conselho editorial e tem a responsabilidade de julgar os originais encaminhados pelos editores, apresentando seu parecer, que pode ser favorável ou não à publicação, onde tecem comentários, indicam possíveis falhas e sugerem modificações.

Eles são geralmente escolhidos pelo editor, que pode ser auxiliado pela comissão editorial. Meadows (1999) cita que essa escolha deve obedecer a alguns critérios, como a competência como pesquisador, o seu conhecimento e atualidade

no assunto de que trata o artigo e a sua representatividade na área. Também devem ser capazes de fazer julgamentos justos e equilibrados.

2.5 O Periódico Científico Eletrônico

De acordo com Mueller (2000), os periódicos eletrônicos são aqueles que se tem acesso mediante o uso de equipamentos eletrônicos, e podem ser classificados em duas categorias relacionadas ao seu formato: *on-line* e em CD-ROM. Os periódicos *on-line* estão disponíveis via *Internet*, enquanto que os em CD-ROM podem ser comprados ou assinados para uso em computadores isolados e não diferem muito dos periódicos impressos, mantendo geralmente o mesmo formato de apresentação. Atualmente poucos são os periódicos eletrônicos publicados somente em CD-ROM, devido à facilidade de publicação na Internet. Assim, para este estudo, será considerado como periódico eletrônico apenas os do tipo *on-line*.

O periódico eletrônico surgiu em meio à revolução tecnológica como uma alternativa à versão impressa, com o intuito de oferecer mais agilidade e eficiência no processo de edição e distribuição dos fascículos, assim como uma redução de custos. Havia também uma crescente preocupação por parte das bibliotecas e centros de informação em relação ao seu espaço físico, devido ao crescimento contínuo e exponencial dos títulos de periódicos.

Através da mídia digital, o convencional texto estático e linear de um fascículo impresso pode ser transformado em um texto dinâmico e interativo, de fácil navegabilidade, empregando recursos multimídias como imagens, animações, vídeos, sons e hipertexto. Os *links* hipertextuais podem ser utilizados para criar diversas conexões através dos artigos e da própria revista, transformando o formato e a apresentação do conhecimento científico (ZHAO; RESH, 2001). No entanto, muitos dos periódicos eletrônicos mantêm ainda o mesmo formato do documento impresso, sendo somente uma versão digital idêntica do periódico tradicional já existente.

Os leitores também são beneficiados com busca e recuperação da informação facilitadas, assim como o acesso que pode ser realizado 24 horas por dia e simultaneamente por diversas pessoas. Contudo, ainda observa-se alguma

resistência em relação à leitura feita diretamente na tela do computador, o que leva muitos usuários a imprimirem o texto para posterior estudo.

As vantagens do periódico eletrônico também se estendem aos autores e editores, já que o tempo para publicação e distribuição tende a diminuir com o formato eletrônico. A comunicação entre editores, autores e avaliadores torna-se mais ágil, podendo ser feita exclusivamente via *on-line*.

O processo de editoração e o gerenciamento das revistas também podem ser feitos eletronicamente, através de programas específicos que prometem facilitar o controle e a supervisão das submissões, assinaturas, revisões, edição e publicação *on-line*, disponibilizando, inclusive, o arquivamento de todas as tarefas realizadas, além do envio de *e-mails* automáticos aos autores, editores e avaliadores, utilizando formatos padronizáveis (ARELLANO; FERREIRA; CAREGNATO, 2005).

Um *software* gratuito de arquivo aberto que vem crescentemente sendo utilizado pelos periódicos científicos brasileiros é o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), que foi customizado e traduzido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) a partir do *software Open Journal Systems* (OJS) desenvolvido pela *British Columbia University* do Canadá. O objetivo deste programa é “[. . .] prestar assistência aos editores científicos em cada uma das etapas do processo de editoração dos periódicos científicos, desde a submissão e avaliação pelos consultores até a publicação *online* e indexação.”. Permite a completa autonomia na tomada de decisões sobre o fluxo editorial, e também possibilita o acompanhamento de todo o processo de avaliação e editoração por parte dos autores (ARELLANO; FERREIRA; CAREGNATO, 2005, p. 220).

A Figura 2 exemplifica o processo editorial com a utilização do SEER, identificando funções e atividades exercidas em um periódico científico.

Comparando a Figura 1 com a Figura 2, verifica-se que houve alterações significativas em relação à mudança do sistema tradicional de editoração de periódicos para o eletrônico. O processo torna-se mais dinâmico, possibilitando que o autor possa acompanhá-lo em sua totalidade, reduz o tempo e o custo na tramitação dos artigos, seja em relação aos autores e avaliadores, quanto na sua publicação, e realiza uma indexação eficiente e eficaz, o que facilita a posterior recuperação da informação por parte dos leitores.

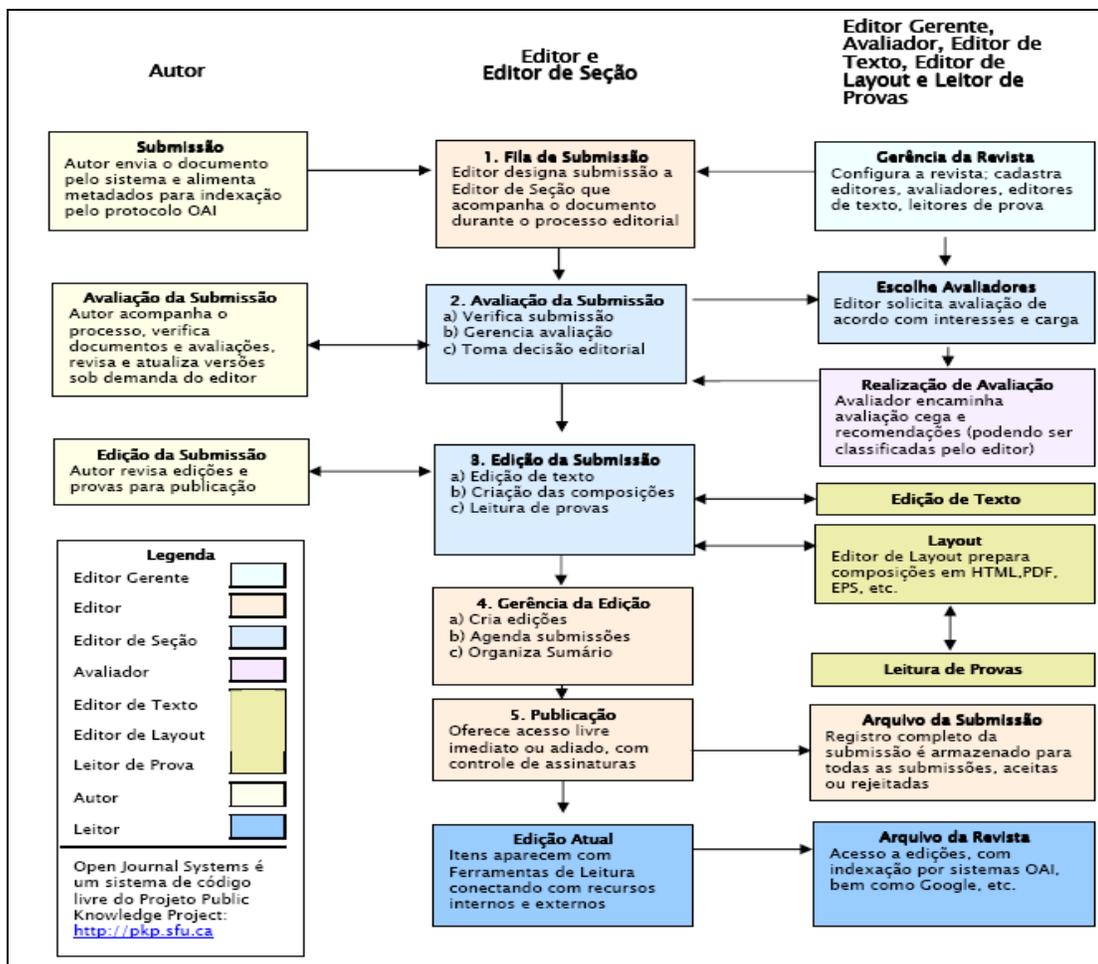


Figura 2 – Fluxograma do processo editorial no SEER.
Fonte: Moreno (2007, p. 10).

Nesse processo, o bibliotecário pode atuar como Editor de Texto, função análoga à preparação dos artigos realizada no processo tradicional de editoração de periódicos científicos, na qual, segundo Moreno (2007, p. 7), se “Verifica e corrige o texto, melhorando a legibilidade e clareza, questionando o autor sobre possíveis equívocos, assegurando a estrita conformidade do documento com as normas bibliográficas e estilo.”. Acredita-se que, além dessa função, ele também possa ocupar as de Editor de Layout que, de acordo com Moreno (2007), transforma a submissão editada nos formatos utilizados para a publicação eletrônica, e de Leitor de Prova, verificando as composições para correção de erros tipográficos e de formatação (MORENO, 2007).

2.6 O Profissional da Informação

O termo profissional da informação surgiu nas duas últimas décadas em meio a grandes transformações mundiais causadas pelos avanços tecnológicos, principalmente ligados às novas tecnologias de informação, e pela globalização, gerando a necessidade de aperfeiçoamento de vários tipos de profissionais para o tratamento da informação armazenada em diversos suportes (PEREIRA, 2000).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2002) reúne na categoria “Profissionais da Informação” as seguintes ocupações: **Bibliotecário** (sob as denominações de Bibliógrafo, Biblioteconomista, Cientista de Informação, Consultor de Informação, Especialista de Informação, Gerente de Informação e Gestor de Informação); **Documentalista** (Analista de Documentação, Especialista de Documentação, Gerente de Documentação, Supervisor de Controle de Processos Documentais, Supervisor de Controle Documental, Técnico de Documentação e Técnico em Suporte de Documentação); e **Analista de Informações** (Pesquisador de Informações de Rede).

Santos (1996) define profissional da informação como sendo todas aquelas pessoas que fazem da informação o seu objeto de trabalho, e cita, além de documentalistas e bibliotecários, os arquivistas, os museólogos, os administradores, os analistas de sistemas, os comunicadores e os profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações.

Para fins deste estudo, tratar-se-á apenas do trabalho do bibliotecário.

2.6.1 O Profissional Bibliotecário

A profissão de bibliotecário está deixando para trás velhos estereótipos e quebrando antigos paradigmas. O “novo” bibliotecário, incluído no rol dos modernos profissionais da informação, é hoje um profissional que pode atuar em diversas áreas do mercado, não se limitando apenas a bibliotecas.

No entanto, a regulamentação da profissão, assegurada pela Lei nº 4.084, promulgada em 1962 (BRASIL, 1962)³, e regulamentada pelo Decreto nº 56.725 de 1965 (BRASIL, 1965), ainda considera como atribuições dos bacharéis em Biblioteconomia um leque reduzido de atividades, o que pode ser atribuído pelo fato dessa legislação ser muito antiga e nunca ter sido atualizada.

São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas privadas concernentes às matérias e atividades seguintes: a) o ensino da biblioteconomia; b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação; c) a administração e direção de bibliotecas; d) a organização e direção dos serviços de documentação; e) a execução dos serviços de catalogação e de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

A CBO (BRASIL, 2002)⁴ vai além, expandindo a atuação do profissional da informação, como se pode perceber na descrição sumária da profissão:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Entretanto, concorda-se com Almeida Júnior (2000) quando este comenta que, aos olhos da sociedade, bibliotecário é ainda todo aquele que trabalha no espaço da biblioteca, independente da existência ou não de uma formação específica. Acredita-se que o mercado de trabalho também não absorveu todas as potencialidades deste profissional, e talvez até mesmo o próprio bibliotecário ainda não tenha percebido a diversidade de espaços onde pode atuar.

Corroborando com essas opiniões, Marengo (1996) crê que os bibliotecários ainda restringem seus conhecimentos a determinadas funções e pouco atualizam e diversificam suas atividades e posturas, o que talvez possa refletir no desprestígio e

^{3, 5} Documento eletrônico não paginado.

na pouca valorização desses profissionais. Para Milanesi (2002), o que irá conferir importância ao desempenho de um profissional não é a legislação, mas sim o reconhecimento social que se tem dele. Segundo este autor, o bibliotecário ainda não firmou a sua relevância para o meio onde atua, podendo ser substituído por qualquer trabalhador, até mesmo com baixa escolaridade, como acontece em muitos casos.

Em uma pesquisa realizada há 10 anos por Tarapanoff (1997), junto a 401 instituições que fazem parte do cadastro de unidades informacionais do COMUT, o profissional da informação aparece como sendo, na sua grande maioria, um bibliotecário que desenvolve funções tradicionais. O estudo também mostra que 4,98% dos profissionais liberais originários de outras áreas do conhecimento assumem papéis tradicionalmente destinados a bibliotecários dentro do ciclo informacional. A autora critica a formação dos profissionais da informação com relação à sua rigidez e inadequação aos novos papéis.

No entanto, Pereira (2005, p. 52) acredita que tem ocorrido uma mudança no perfil dos profissionais da informação no Brasil, neste início de século, com a ampliação do seu campo de atuação. Segundo a autora, estes profissionais não estão mais restritos a bibliotecas ou centros de documentação e informação, “[. . .] atuando em qualquer instituição que faça uso da informação como, jornais, estações de televisão, museus, livrarias, editoras, escritórios de contabilidade e advocacia e Internet, entre outros.”. No entendimento de Silva e Cunha (2002), esse perfil profissional tem privilegiado criatividade, interatividade, flexibilidade e aprendizado contínuo. E complementa afirmando que os novos profissionais também devem ser capazes de operacionalizar seu conhecimento de modo integrado às suas aptidões e vivências culturais.

À mesma idéia filiam-se Figueiredo e Souza (2007, p. 15), quando referem que o campo de atuação para o bibliotecário é bastante amplo, sendo que este pode encontrar colocação tanto na área pública quanto na privada ou no terceiro setor (ONGs), desempenhando suas atividades em quaisquer dos setores econômicos (agricultura, indústria ou serviços) ou até mesmo como autônomo. Segundo os autores, isso ocorre devido ao fato de que o foco central do trabalho deste profissional “[. . .] é o tratamento, organização e disseminação da informação, insumo este que se encontra em qualquer instituição e que vem ganhando cada vez maior importância e valor para a sobrevivência da mesma no mercado.”. Então, com

a valorização da informação pelas instituições, elas têm necessitado cada vez mais de profissionais aptos a tratá-la.

Entretanto, em uma pesquisa semelhante à de Tarapanoff (1997), realizada no segundo semestre de 2006 por Figueiredo e Souza (2007) com 698 bibliotecários de todas as regiões do Brasil, foi constatado que 87,54% deles continuam a atuar em funções tradicionais dentro de centros de documentação. Os autores referem que isso não é ruim para a imagem do profissional e nem o desqualifica, pois é um mercado crescente que deve ser preenchido, mas comentam que o problema existe na medida em que o bibliotecário não ocupa os novos espaços, então outros profissionais o fazem.

Como esclarecem Fonseca, F. J., Fonseca, F. M., e Fonseca, N. (2005), atualmente, as empresas tendem a buscar profissionais por determinadas competências e habilidades e não por cargo ou profissão. Assim, a regulamentação profissional já não é mais suficiente para garantir aos bibliotecários postos de trabalho em ambientes não tradicionais.

Acredita-se que a realidade do novo profissional da informação, no Brasil, ainda está longe de ser aquela comentada na literatura. Primeiro, o bibliotecário precisa compreender a sua importância e a do seu trabalho para a sociedade, para depois poder convencer o mercado disso, e fazer com que este o enxergue como um profissional multifacetado e não apenas como aquele se encontra escondido atrás de um balcão de biblioteca.

2.6.2 A Comunicação Científica como Campo de Atuação do Bibliotecário

Um dos nichos de mercado ainda pouco explorado pelo bibliotecário está relacionado à fase de editoração da comunicação científica, na qual ele pode atuar em editoras e revistas científicas.

Não foi encontrado nenhum estudo específico sobre esse tema na literatura, apenas breves citações em textos que abordavam a atuação do profissional da informação. Em meio a estes está um de Le Coadic (1996), no qual ele menciona diversas atividades não-clássicas que podem ser exercidas pelos profissionais da informação, dentre elas estão: procurar, preparar, resumir e editar informações de

natureza científica e técnica; e dirigir a redação de revistas científicas em empresas de editoração.

Fonseca, F. J., Fonseca, F. M., e Fonseca, N. (2005, p. 219) citam algumas linhas de negócios do Grupo Canal Energia, que presta informações sobre o setor elétrico brasileiro, nas quais há bibliotecários atuando no suporte informacional da empresa, gerando produtos e disponibilizando serviços. Entre essas está a Editora/Livraria, onde o bibliotecário normaliza originais para editoração, analisa dados visando a identificar clientes potenciais para os materiais editados, estabelece contatos e divulga os produtos editoriais. Para os autores, alguns ambientes pouco citados como empregadores de bibliotecários, considerados postos de trabalho não tradicionais, como as editoras e livrarias, “[. . .] favorecem o desempenho de atividades bastante comuns, como o processamento de materiais impressos, a organização técnica do estoque de livros, supervisão de auxiliares e estagiários, gerência e manutenção de bases de dados automatizadas.”.

Também Valentim (2000) faz referência às editoras como um mercado existente, mas que possui poucos bibliotecários atuantes, mencionando que o profissional poderá trabalhar na normalização das publicações.

Santos (2000) vai um pouco além, referindo que o bibliotecário que possuir um perfil empreendedor pode expandir seu campo de atuação, participando de diversas fases do processo de geração e transferência da informação, inclusive na de registro do resultado da investigação, na qual ele pode elaborar e aplicar as normas técnicas de documentação, de acordo com o veículo onde o relato será publicado. Também pode atuar na fase de reprodução e distribuição, trabalhando na normalização, na catalogação na fonte, na elaboração de índices e de catálogos comerciais. E na fase de controle bibliográfico pode atuar nos serviços de indexação e resumos.

No entanto, percebe-se que autores que estudam a comunicação científica, e que não são bibliotecários, não enxergam esse profissional atuando no processo de editoração das publicações científicas. É o caso de Meadows (1999), que menciona que, entre autores e leitores, existem dois grupos que têm como tarefa organizar a transferência da informação do modo mais eficiente possível. O primeiro é formado pelas editoras, que atuam efetivamente em todo o processo de editoração da publicação. E o segundo é composto por bibliotecários, que somente atuam na fase

final, codificando e armazenando o material proveniente das editoras, de maneira a torná-los acessíveis aos leitores.

Compartilham também desse pensamento Zhao e Resh (2001), como demonstrado na Figura 1 já citada anteriormente, em que os bibliotecários se encontram igualmente no mesmo grupo mencionado por Meadows (1999), no qual atuam na indexação e no empréstimo dos periódicos. Meadows (1999, p. 127) ainda menciona que “Essa divisão básica do canal de comunicação impressa, entre produção e organização do material, existe desde os primórdios da comunicação científica, mas vem se tornando cada vez mais complexa.”. Zhao e Resh (2001) citam que a Internet tem causado grandes modificações nesse sistema com o advento da editoração eletrônica. No entanto, nenhum desses autores faz referência a uma mudança de paradigma em relação ao papel do bibliotecário no ciclo da comunicação científica.

Chama-se novamente a atenção para a imagem que o bibliotecário tem passado para o mercado de trabalho e também para os profissionais de outras áreas, que ainda não reconhecem nele um profissional capaz de atuar juntamente com os editores no registro e divulgação do conhecimento científico.

3 METODOLOGIA

A seguir é apresentada a metodologia utilizada para este estudo.

3.1 Tipo de Estudo

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa aplicada que, segundo Barros e Lehfeld (2001), é empregada quando o pesquisador é movido pela necessidade de conhecer, para a aplicação imediata dos seus resultados, contribuindo para fins práticos. Tem caráter exploratório, pois, como define Gil (1999), esse tipo de pesquisa tem o objetivo de desenvolver, esclarecer ou modificar conceitos, e é muito utilizada quando existem poucos estudos sobre o assunto, tornando-se necessário um primeiro olhar sobre o campo para conhecê-lo melhor e também para abrir perspectivas futuras.

Possui uma abordagem qualitativa, já que pretende responder a questões muito particulares, trabalhando com “[. . .] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 2000, p. 21-22).

3.2 Corpus e Sujeitos da Pesquisa

O corpus inicial selecionado foi composto por 37 títulos de periódicos científicos editados pelas unidades da UFRGS que estavam relacionados no Portal de Periódicos Científicos da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS (<http://www.ufrgs.br/propesq/periodicoscient/index.htm>) em maio de 2007.

A escolha desse critério se deu devido à proximidade geográfica, já que seria utilizada a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados junto

aos sujeitos da pesquisa, esses constituídos dos bibliotecários que atuam nas revistas.

Desses 37 títulos, foram selecionados apenas aqueles em que havia bibliotecários atuando no processo de editoração da revista, totalizando 11 títulos. Desses 11 títulos, foram excluídos três, dois devido ao fato do bibliotecário estar em férias ou em licença na época da coleta de dados, e o outro porque somente o nome do bibliotecário constava na revista, mas ele não atuava efetivamente no processo editorial.

O corpus final foi então constituído de 8 títulos de periódicos e os sujeitos, de 8 bibliotecários, sendo que uma revista contava com o apoio de dois bibliotecários, e havia um bibliotecário atuando em duas revistas ao mesmo tempo.

3.3 Coleta de Dados

A coleta de dados foi dividida em três fases: contato com os responsáveis pelos periódicos selecionados, contato com os bibliotecários indicados pelas revistas e pesquisa qualitativa por meio de entrevistas.

Inicialmente, foi feito um levantamento dos endereços de *e-mail* atuais para contato com os 37 periódicos selecionados. Foi, então, enviada uma mensagem direcionada ao editor questionando a presença de bibliotecários no processo de editoração da sua revista (Apêndice A). Nessa etapa foram recebidas apenas dez respostas.

Devido ao pequeno índice de retorno, foi feito um levantamento dos telefones de contato com as revistas. Nesse contato, algumas das pessoas que atenderam não souberam responder, pedindo que fosse feita a ligação novamente em outro horário para falar com outra pessoa, ou então que esse questionamento fosse enviado para o endereço de *e-mail* pessoal do editor. Nessa etapa, depois de diversas tentativas, não foi possível o contato telefônico com três dos 37 periódicos iniciais; não houve retorno de duas revistas para as quais havia sido enviado novamente *e-mail* para o editor; e uma revista não estava mais sendo publicada, resultando em 31 periódicos.

Posteriormente, foi feito contato com os bibliotecários indicados pelos periódicos. Nessa etapa, verificou-se que seis destes não atuavam no processo editorial da revista. Esses foram excluídos por não se adequarem ao foco do estudo. Um dos bibliotecários foi excluído da amostra final por informar que não atuava efetivamente na revista, apesar do seu nome continuar constando no periódico. Os bibliotecários que estavam em férias ou em licença na época determinada para a coleta de dados também foram excluídos da pesquisa.

Para o estudo final, constituído pelos oito bibliotecários que atuavam efetivamente no processo de editoração da revista no período do estudo, foi utilizada a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, com perguntas abertas, baseadas em roteiro previamente elaborado (Apêndice B), direcionadas à atuação do bibliotecário no processo de editoração do periódico científico, possibilitando que o entrevistado discorresse sobre o tema proposto sem respostas ou condições pré-fixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2000). A única exceção foi uma pergunta fechada sobre a satisfação do bibliotecário, em que foi solicitado que ele atribuísse um número de 1 a 5 correspondente ao seu grau de satisfação em relação ao trabalho que realiza na revista. Esse questionamento foi feito somente após o bibliotecário ter discorrido sobre o tema.

Para Kerlinger (1980, p. 350), a entrevista

[. . .] é um instrumento usado para obter informações das pessoas fazendo perguntas diretas a elas, ou de forma indireta, fazendo com que respondam a algum tipo de estímulo estruturado. Algumas vezes a entrevista é o único meio de se obter a informação necessária para uma pesquisa, e tem certas vantagens que outros métodos não têm. O pesquisador pode, por exemplo, depois de fazer uma pergunta geral, sondar as razões das respostas dadas e ir mais abaixo da superfície das respostas, determinando razões, motivos e atitudes.

As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2007, em local previamente combinado com os bibliotecários, e foram gravadas, levando-se em consideração os aspectos éticos de consentimento e o caráter confidencial dos entrevistados.

3.4 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada em três etapas, de acordo com Minayo (2000):

- a) ordenação dos dados: consistiu no mapeamento dos dados obtidos nas entrevistas de campo, ou seja, transcrição, leitura e releitura do material, e organização dos relatos;
- b) classificação dos dados: foi realizada através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecendo interrogações com base na fundamentação teórica, buscando identificar o que apareceu de relevante e as idéias centrais das falas dos participantes, que foram classificadas em categorias;
- c) análise final: nesta fase procurou-se estabelecer articulações entre os dados e o referencial teórico, respondendo às questões da pesquisa com base nos objetivos.

3.5 Aspectos Éticos

A pesquisa foi devidamente esclarecida aos participantes e as informações obtidas foram utilizadas somente para o fim deste estudo, preservando o anonimato dos indivíduos e assegurando sua integridade física e psicológica.

As gravações serão inutilizadas após o término desse estudo.

3.6 Limitações do Estudo

Foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica sobre a atuação dos bibliotecários no processo de editoração de periódicos científicos. No entanto, encontrou-se pouca bibliografia que tratasse sobre esse tema, sendo que nenhuma aprofundava de fato o assunto.

A pesquisa foi realizada: no Portal de Periódicos CAPES, nas bases de dados da Ciência da Informação; no Banco de Teses da CAPES e da USP; no Catálogo *On-Line* do Sistema de Bibliotecas da UFRGS; no SciELO; na base de dados Diálogo Científico: Ciência da Informação, do IBICT; nas revistas que disponibilizam seus artigos *on-line*, como a Ciência da Informação, a Perspectivas em Ciências da Informação e a Informação & Sociedade: Estudos; no *Google* e *Google Acadêmico*.

Também houve dificuldade em localizar os bibliotecários que atuavam nos periódicos, já que na listagem que se encontrava no *site* da Pró-Reitoria de Pesquisa não havia essa informação, e os telefones e *e-mails* de contato informados eram dos editores, sendo que muitos já não exerciam mais essa função. Foi necessário, então, realizar uma busca por contatos atualizados por meio das páginas na Internet das revistas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir é apresentada a análise das informações obtidas na coleta de dados.

Os bibliotecários entrevistados são identificados pela abreviação “E.”, de entrevistado, seguida do seu número correspondente.

Foi elaborado um quadro sinóptico das entrevistas (Apêndice C) para melhor visualização e compreensão dos resultados.

4.1 Caracterização dos Periódicos e dos Sujeitos da Pesquisa

Dos 37 periódicos científicos selecionados para este estudo, obteve-se retorno de 31 (Apêndice D). Destes, apenas 11 (35,5%) possuíam bibliotecários atuando no seu processo de editoração.

Na Tabela 1, os 31 periódicos foram classificados de acordo com suas respectivas áreas do conhecimento (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2006b).

Tabela 1 – Distribuição dos periódicos segundo a área do conhecimento. Porto Alegre, set. 2007.

Área do conhecimento	Periódicos sem bibliotecários		Periódicos com bibliotecários		Total	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Ciências Exatas e da Terra	1	(3,2)	1	(3,2)	2	(6,5)
Ciências Biológicas	-	-	-	-	-	-
Engenharias	1	(3,2)	-	-	1	(3,2)
Ciências da Saúde	-	-	6	(19,4)	6	(19,4)
Ciências Agrárias	1	(3,2)	-	-	1	(3,2)
Ciências Sociais Aplicadas	4	(12,9)	4	(12,9)	8	(25,8)
Ciências Humanas	7	(22,6)	-	-	7	(22,6)
Linguística, Letras e Artes	5	(16,1)	-	-	5	(16,1)
Outros	1	(3,2)	-	-	1	(3,2)
Total	20	(64,5)	11	(35,5)	31	(100,0)

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Verifica-se que a área das Ciências da Saúde é a que possui maior representatividade de bibliotecários. Das 11 (35,5%) revistas da UFRGS que possuem bibliotecários atuando no seu processo editorial, mais da metade (6 – 19,4%) são dessa área. Isso evidencia a valorização desse profissional por essa área, que é considerada uma das mais desenvolvidas no campo da comunicação científica, já que, segundo Pereira (2005, p. 59), “Os avanços das tecnologias e do conhecimento médico levaram a uma preocupação com a disseminação e o armazenamento das informações produzidas pela área.”. Apenas um dos bibliotecários informou que, apesar de seu nome constar na revista, ele não estava mais atuando efetivamente no processo de editoração, o que pode demonstrar a preocupação dessa área em mostrar que há um profissional bibliotecário em seus periódicos, mesmo quando essa informação não é verdadeira.

Em contrapartida, as áreas das Ciências Humanas e de Linguística, Letras e Artes, que juntas representam a maioria das revistas selecionadas (12 – 38,7%), não contam com nenhum bibliotecário atuando no seu processo de editoração. No contato por telefone e por *e-mail* com as pessoas responsáveis por esses periódicos, foi possível perceber o desconhecimento do potencial do profissional bibliotecário para trabalhar nesse meio. Quando questionadas sobre a presença de bibliotecários atuando no processo de editoração das suas revistas, a grande maioria não entendeu a pergunta, tendo-se que explicar as principais atividades que o profissional costuma exercer, como a normalização e a produção de índices. Das 12 revistas, três explicaram que não era necessário, pois os artigos já vinham normalizados pelos autores e, quando havia inclusão de índices, estes eram feitos pelos organizadores do fascículo; e cinco informaram o contato dos bibliotecários da sua instituição. No entanto, em contato posterior com estes, verificou-se que não atuavam no processo de editoração da revista, realizando suas atividades somente na biblioteca da unidade, fazendo permutas, indexando os artigos ou prestando assessoria eventualmente quando solicitados, como na elaboração da ficha catalográfica.

A segunda maior concentração de bibliotecários nos periódicos pesquisados foi na área das Ciências Sociais Aplicadas, que contava com 4 (12,9%) bibliotecários atuando no processo editorial, ou seja, metade das revistas dessa área. É também a área que possui a maior representatividade de periódicos deste estudo (8 – 25,8%). Pôde-se constatar, através dos contatos telefônicos, que duas das quatro revistas

que não possuíam bibliotecários, já haviam tido, mas estes haviam se aposentado e não houve reposição.

Esses resultados corroboram com as afirmações de Meadows (1999, p. 68) quando este discorre sobre as diversas diferenças existentes entre as grandes áreas do conhecimento (Ciências, Ciências Sociais e Humanidades) em relação à comunicação científica. Um dos fatores citados pelo autor é relacionado aos padrões, ou seja, “[. . .] o que os especialistas da área esperam de um artigo aceitável.”. Segundo o autor, nas Ciências os artigos apresentam um feitiço padronizado e um enfoque geralmente semelhante. Os editores e avaliadores examinam os artigos submetidos com a finalidade de verificar se existe algo de errado neles. Nas humanidades, os artigos podem ter diferentes feições “[. . .] e revelar uma variedade de opiniões acerca daquilo que constitui pesquisa apropriada.”. Os editores e avaliadores não têm tanto interesse em procurar coisas que estejam erradas, “[. . .] e estão mais preocupados com avanços criativos.”. O autor também faz referência à área das Ciências eleger o periódico como principal veículo de divulgação da sua produção científica, ao contrário das Humanidades e das Ciências Sociais que dão preferências aos livros.

Na Tabela 2 os 31 periódicos foram classificados de acordo com seu Qualis. Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2006a)⁵,

Qualis é uma lista de veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado), classificados quanto ao âmbito de circulação (Local, Nacional, Internacional) e à qualidade (A, B, C), por área de avaliação. A Capes utiliza o Qualis para fundamentar o processo de avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação.

O Qualis informado na Tabela 2 é correspondente ao da área de avaliação que contempla o principal assunto tratado na revista.

⁵ Documento eletrônico não paginado.

Tabela 2 – Distribuição dos periódicos segundo seu Qualis. Porto Alegre, set. 2007.

Qualis	Periódicos sem bibliotecários		Periódicos com bibliotecários		Total	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Internacional A	2	(6,5)	-	-	2	(6,5)
Internacional B	1	(3,2)	-	-	1	(3,2)
Internacional C	-	-	2	(6,5)	2	(6,5)
Nacional A	4	(12,9)	3	(9,7)	7	(22,6)
Nacional B	5	(16,1)	2	(6,5)	7	(22,6)
Nacional C	2	(6,5)	3	(9,7)	5	(16,1)
Local A	2	(6,5)	-	-	2	(6,5)
Local B	2	(6,5)	-	-	2	(6,5)
Local C	1	(3,2)	-	-	1	(3,2)
Inexistente	1	(3,2)	1	(3,2)	2	(6,5)
Total	20	(64,5)	11	(35,5)	31	(100,0)

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

A maioria dos periódicos pesquisados possui Qualis de circulação Nacional (19 – 61,3%). Das 11 (35,5%) revistas que possuem bibliotecários atuando no seu processo de editoração, 8 (25,9%) também são de âmbito Nacional. Dos periódicos que possuem circulação Internacional (5 – 16,2%), apenas 2 (6,5%) contam com o auxílio de bibliotecários. Os 3 (9,7%) que não possuem bibliotecários são da área das Ciências Humanas.

No que concerne às características dos sujeitos da pesquisa, ou seja, os oito bibliotecários que estavam atuando efetivamente no processo de editoração do periódico na época do estudo, pode-se dizer que todas são mulheres e têm envolvimento direto com a Universidade. A maioria das bibliotecárias entrevistadas faz parte do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, atuando na biblioteca da própria unidade mantenedora da revista, sendo que apenas uma não se encaixa nesse perfil. Esta foi contratada exclusivamente para trabalhar no periódico.

Metade das bibliotecárias entrevistadas atua há mais de 10 anos na revista, sendo que algumas destas ajudaram na criação do periódico. A outra parte vem realizando suas atividades entre 4 meses e 5 anos.

4.2 Atividades Desenvolvidas

A normalização é a atividade mais realizada pelas bibliotecárias, sendo que cinco destas fazem sozinhas a normalização completa da revista e uma tem o auxílio de uma bolsista do curso de Biblioteconomia. Dessas seis bibliotecárias, duas se envolvem apenas com a normalização, não realizando outras atividades. Outras duas bibliotecárias participam de todo o processo de editoração do periódico, em todas as suas etapas, se envolvendo na comunicação com os autores, nas questões de leiaute e estrutura da revista, participando de reuniões, auxiliando o editor na tomada de decisões, corrigindo a prova da revista quando volta da gráfica e demais atividades correlatas.

Nas duas revistas em que atuam as duas bibliotecárias que não se envolvem com a normalização, uma delas conta com o auxílio de mais uma bibliotecária que faz apenas essa atividade, já que aquela bibliotecária somente atua junto aos editores para a inserção da revista em meio eletrônico. Na outra revista, esse trabalho é feito pelos avaliadores e demais pessoas envolvidas com o periódico. Nesse caso, a bibliotecária atua mais como uma consultora, fazendo as normas de publicação, tomando decisões sobre a estrutura e leiaute da revista e fazendo a indexação nas bases de dados nacionais e internacionais.

As bibliotecárias entrevistadas que fazem parte do Sistema de Bibliotecas da UFRGS realizam suas atividades dentro do seu horário de trabalho na biblioteca. No entanto, devido ao acúmulo de funções na biblioteca e na revista, algumas vezes precisam trabalhar em casa, não recebendo a mais por isso, como se evidencia nos depoimentos a seguir:

Eu levo para casa. Agora eu estou fazendo aqui [na biblioteca] esses artigos porque eu tenho que olhar um material, pesquisar no acervo, mas eu faço em casa. Teve épocas em que eu estava de férias que fazia igual, porque eu não podia atrasar. [. . .] é muito difícil, eu não consigo ficar fazendo aqui isso, porque têm muitas outras coisas para fazer aqui (E. 4).

Eu tenho que levar para casa, porque aqui não dá para fazer. Às vezes dá para eu fazer alguma coisa de revisão, a junção dos artigos sim, aqui na biblioteca, mas o resto das coisas que eu tenho que fazer, eu levo para casa (E. 3).

[. . .] é no tempo que eu tenho [na biblioteca]. Até já levei para casa [. . .], às vezes junta muito trabalho, já tive que levar para apurar um pouco, dependendo do dia-a-dia, de como está aqui o movimento, mas geralmente eu procuro fazer aqui, claro, até porque este é um trabalho da biblioteca com a Faculdade, com a revista, sem custo nenhum [. . .]. É uma atividade que a gente aceitou colaborar e que eu acho que faz parte do nosso serviço (E. 1).

No entanto, percebe-se que elas não consideram isso um problema, pois parecem conformadas com a situação, acreditando que é um dever delas, e por isso, talvez, não se importam se o seu horário diário de trabalho não é suficiente para realizar todas as atividades de que são responsáveis, tanto na biblioteca quanto na revista. Constatou-se também a preocupação das bibliotecárias para que não haja atraso na publicação dos fascículos por sua causa.

Verifica-se que não há um consenso entre as bibliotecárias sobre o que deve ser corrigido por elas nos artigos. Algumas se prendem exclusivamente à questão da normalização. Outras, porém, acreditam que seu papel deve ir além da aplicação da técnica, contribuindo para uma melhor redação e estruturação dos artigos:

Hoje eu não corrijo só a normalização, hoje eu corrijo até frases mal construídas [. . .], o formato... Por exemplo, divisões de seções, eles [os autores] não sabe fazer divisão de seções, poucos autores fazem uma divisão legal do assunto, tem uns que escrevem corrido [. . .]. Eu arrumo e eles nunca reclamaram. Muitos professores têm uma dificuldade nisso [. . .] (E. 6).

Eu também penso assim: tem que respeitar muito o texto do autor, a questão de como ele se comunica, de como ele escreve, o estilo. Eu, por exemplo, a leitura que eu faço do artigo é uma leitura absolutamente técnica, tanto que eu olho o artigo assim e só vou pescando onde estão as citações e se elas estão de acordo com o que está mencionado nas referências, só. Onde se abriu aspas ou não abriu, se fechou, se não fechou, a formatação. O conteúdo, a questão da língua portuguesa, só se é muito gritante, e a forma que o autor tem de escrever, também não... Porque eu acho que cada um tem o seu estilo e a gente não deve interferir nisso. O nosso objetivo, do bibliotecário, eu acho, é só manter uma formatação e dar a possibilidade das pessoas terem acesso àqueles documentos que ele mencionou no texto [. . .] (E. 4).

Constatou-se que isso depende muito da abertura que cada editor dá às bibliotecárias. Verifica-se também que, no caso de E. 6, esta bibliotecária já é responsável por todas as etapas da editoração da revista, participando diretamente

de todas as decisões, portanto, já lhe foi concedida uma maior liberdade por parte do editor em todas as fases.

Acredita-se que o bibliotecário não deve se prender unicamente à questão da técnica, e sim auxiliar o editor para que os artigos publicados, além de normalizados, também sejam bem estruturados e tenham uma boa redação, o que irá, posteriormente, proporcionar maior facilidade na leitura e compreensão dos textos por parte dos seus usuários finais.

4.3 Satisfação

Nesta questão da entrevista, após as bibliotecárias terem transcorrido sobre sua satisfação na revista, foi solicitado que escolhessem um número de 1 a 5 correspondente ao grau de satisfação em relação ao trabalho que realizam na revista, com a seguinte codificação: totalmente insatisfeita (1), insatisfeita (2), parcialmente satisfeita (3), satisfeita (4) e totalmente satisfeita (5).

Das oito bibliotecárias entrevistadas, cinco sentem-se satisfeitas (4) com seu trabalho na revista e três se consideram totalmente satisfeitas (5). Percebeu-se nas suas falas que todas gostam das atividades que realizam, e consideram muito gratificante quando vêem seu trabalho finalizado:

Para mim é um prazer e é uma coisa que eu acho que eu devo fazer, e não me custa nada fazer, eu não ganho a mais por isso, mas em compensação, a satisfação de ver a revista pronta, de ver sair, de ver as pessoas procurarem, isso aí já é uma coisa que compensa (E. 3).

Eu acho que é um trabalho gratificante, porque toda revista que é publicada a gente vê o nosso nome lá como responsável, a gente vê um produto que a gente ajudou a ser construído, ser publicado... (E. 7).

Eu acho um trabalho interessante para nós como bibliotecárias na revista da nossa área. [. . .] eu gosto desta parte de trabalho dentro da biblioteconomia (E. 1).

[. . .] eu vim trabalhar na revista [. . .] porque eu gosto, porque eu acho que seria mais um desafio para mim (E. 6).

Uma pesquisa realizada por Campos *et al.* (1991) sobre a satisfação no trabalho de 20 bibliotecários de uma universidade estadual revelou que a maioria (45%) se sente parcialmente satisfeito com seu trabalho. A parcela dos que se sentem satisfeitos ou totalmente satisfeitos é de apenas 30%. Uma das principais causas para isso seria em relação à remuneração que recebem pelo seu trabalho.

Comparando-se com o presente estudo, verifica-se que, apesar das bibliotecárias entrevistadas, que além de trabalharem na biblioteca da sua unidade, atuam também na revista sem receber remuneração a mais por isso, tendo que muitas vezes levar trabalho para casa, sentem-se satisfeitas ou totalmente satisfeitas com as suas atividades. Constatou-se que o fator remuneração não foi decisivo para as suas respostas, ao contrário do que foi averiguado no estudo realizado por Campos *et al.* (1991).

Verifica-se que essa satisfação evidenciada pelas bibliotecárias é também resultado dos sentimentos de valorização e confiança demonstrados por parte dos editores e da própria instituição na qual atuam:

Aqui na faculdade eles valorizam muito a biblioteca. Então eles valorizam a gente também, o trabalho da gente [bibliotecários]. Eles entregam na minha mão e dizem assim: “o que tu fizer tá feito”. Claro que eu não vou ler os artigos, mas como eu trabalho há muitos anos aqui [na biblioteca], eu já sou quase [. . .] como eles [os professores da área]. Eles largam as coisas na minha mão, então eu não me preocupo com isso, por isso eu me sinto satisfeita em fazer (E. 3).

Desde o início a gente foi convidada, porque a escola já tem uma visão de que toda a parte que engloba a informação, a documentação eles nos convidam, nos chamam para participar dessas atividades. E na revista isso foi muito bom, muito satisfatório, eu sempre trabalhei junto com eles, eu acho que foi muito importante e é muito incentivador. Eu tenho como o hábito sempre tentar dar o máximo possível, procurando sempre divulgar a revista [. . .] (E. 5).

[Me considero totalmente satisfeita] porque a gente faz parte do processo como um todo. Qualquer decisão [. . .] nas reuniões editoriais, eles param e perguntam: agora vamos ver a bibliotecária, o que ela pensa [. . .]. A gente cultivou isso dentro da unidade (E. 2).

Eles [os editores] deixam a gente muito à vontade, confiam muito na gente. Então eu não sei se fosse outro mais autoritário, quem sabe, porque esses são super abertos, se eu conseguiria trabalhar tão bem assim. Tem uns que acham que a última palavra é deles, e ali não, ali a coisa é muito justa, eu acho [. . .] (E. 6).

A revista depende muito da biblioteca [. . .]. Eles ficam muito dependentes da gente. Estejam onde estiverem, eles me ligam (E. 6).

A maioria das bibliotecárias sente-se apenas satisfeita (4) com as atividades que realizam por acreditarem que ainda existam muitas coisas a serem feitas na revista ou por estarem buscando um crescimento pessoal e profissional, como se percebe nos depoimentos a seguir:

Eu daria um 4 porque eu estou ainda me aperfeiçoando, como eu recém entrei... Estou satisfeita, mas estou buscando um maior aperfeiçoamento (E. 7).

Totalmente [satisfeita] a gente só diz quando está tudo feito, tudo pronto. Eu estou satisfeita porque a gente está evoluindo (E. 8).

De acordo com a Teoria dos Dois Fatores de Herzberg, os fatores responsáveis pela satisfação profissional (motivacionais) são totalmente distintos dos fatores responsáveis pela insatisfação profissional (higiênicos). Os fatores motivacionais, ou intrínsecos, estão sob o controle do indivíduo e se relacionam com o conteúdo do cargo ou com a natureza das tarefas que a pessoa executa, e podem ser traduzidos através de: auto-realização, crescimento individual, reconhecimento, progresso profissional, responsabilidade e trabalho em si. Esses fatores são diretamente responsáveis pela satisfação das pessoas, entretanto, quando precários, não contribuem para a sua insatisfação. Os fatores higiênicos, ou extrínsecos, não estão sob o controle dos indivíduos, pois são administrados pela empresa, e se referem às condições dentro das quais ele desempenha seu trabalho, como: salário, benefícios sociais, supervisão técnica, políticas e administração da empresa, condições físicas de trabalho e relações interpessoais. Segundo a teoria, esses fatores, quando ótimos, apenas evitam a insatisfação, mas não colaboram para elevar, por muito tempo, a satisfação das pessoas (CHIAVENATO, 1994).

Percebe-se que os fatores motivacionais realmente foram os responsáveis pela satisfação das bibliotecárias entrevistadas, principalmente os relacionados a: auto-realização, crescimento individual, reconhecimento e trabalho em si.

Constata-se também que os fatores higiênicos não tiveram impacto nas suas repostas. O único problema citado que não contribuiu para a total satisfação dessas bibliotecárias pode ser relacionado ao fator higiênico "políticas e administração da

empresa”, já que é a demora por parte das outras pessoas envolvidas no processo, como avaliadores e editores, para a conclusão do seu trabalho, atrasando a edição dos fascículos. Para elas a revista tem prioridade sobre as demais atividades que exercem dentro da instituição:

[. . .] existe ainda um pouco toda uma dificuldade dentro desta tramitação. Tem pessoas que demoram muito, seguram demais o trabalho [. . .], às vezes vem coisa demais, de repente passa um tempo sem vir... Isso aí, às vezes, causa um certo desconforto até para tu te organizar dentro da rotina (E. 1).

O que me deixa um pouco desgostosa é a questão assim, quando vem para mim eu tenho o compromisso daquilo ali em primeiro lugar, porque eu não quero que atrase a edição da revista por minha causa, então é uma questão de compromisso mesmo, o que eu vejo que não acontece sempre, porque aí eu vejo que fica pipocando e a coisa não vai. Eu fiz a minha parte e já liberei. O que eu fico um pouco angustiada é quando a coisa não flui, apesar da equipe ser muito legal, mas tem alguns entraves. Como são professores, no meio do semestre eles estão super ocupados, eu também estou, mas é que eu dou prioridade pra revista. Por exemplo, a de 2007/1 era nosso plano sair em março, nós estamos em setembro, eu já terminei as minhas revisões, já passei tudo adiante, mas ainda está no fluxo, então vai atrasar um pouco (E. 4).

Apesar da bibliotecária E. 2 considerar-se totalmente satisfeita, percebeu-se um descontentamento em relação ao tipo de norma adotada pela revista, que não segue a ABNT. Ela acredita que, por ser uma revista brasileira, esta deveria utilizar tal norma. No entanto, reconhece que esta é uma questão pessoal sua, já que foi a única norma aprendida no Curso de Biblioteconomia.

A única coisa que eu não aceito muito é que as regras das referências não são de acordo com a ABNT, porque a gente tem essa formação na ABNT, e como é uma revista nacional, ela deveria seguir todas essas normas. Mas isso também não é uma questão do bibliotecário não participar da Comissão Editorial, porque ela [a revista] tem um padrão, e inclusive esse padrão é adotado nos trabalhos de conclusão de curso da área [. . .]. Por exemplo, agora a gente tá editando um livro [. . .] e o padrão que vão seguir é o padrão da revista, porque a revista tem mais de 30 anos e ela é aceita dessa forma. Então é uma questão pessoal de bibliotecário, da formação da gente nesse aspecto, mas o padrão dela é ótimo (E. 2).

Verifica-se que todas as bibliotecárias aceitaram espontaneamente essa função e declararam gostar muito do que fazem. Pode-se também perceber que o

fato de ser um trabalho diferente do que estão rotineiramente acostumadas a realizar no dia-a-dia da sua biblioteca e ao reconhecimento e realização pessoal oriundos dele, fazem com que elas se sintam realmente satisfeitas com seu trabalho na revista.

4.4 Dificuldades Encontradas

As bibliotecárias relataram diversos tipos de dificuldades encontradas no desenvolvimento do seu trabalho nas revistas, como: idiomas estrangeiros (principalmente a língua inglesa), adaptação às normas específicas da revista e implantação do SEER, como demonstrado nas falas a seguir:

Sim, porque no início era tudo em inglês [. . .]. Na época, para a gente montar a revista, a gente só tinha artigos e publicações em inglês, então é complicado, tu tem que saber inglês, é uma coisa muito importante (E. 5).

Sim, porque toda revista tem suas peculiaridades e suas, até, normas próprias, tem as suas regras, então a gente tem que se adequar, então a gente vai aprendendo junto com as revistas que vão sendo publicadas (E. 7).

Eu tive um pouco de resistência na questão do programa, o SEER. É uma coisa diferente, no começo tive uma resistência, não achei muito amigável, digamos assim, mas aí a gente passou por um treinamento rapidinho, e já entrou no fluxo (E. 4).

No início os editores não estavam assim tão convencidos da colocação da editoração eletrônica [SEER] [. . .]. Esse foi o grau de dificuldade, convencê-los de que, enquanto a gente aguarda ter a qualidade do SciELO, vamos fazer a editoração eletrônica via outro sistema também (E. 8).

Em relação à resistência na implantação da editoração eletrônica, Muniz Júnior e Ferreira (2005, p. 8) acreditam que essa mudança possa envolver uma transformação em aspectos do *habitus* profissional dos editores científicos, já que “[. . .] a transposição dos métodos produtivos para o ambiente digital implica na revisão de diversos procedimentos, pondo em crise um conjunto de conhecimentos internalizados e utilizados automaticamente na produção do periódico impresso.”.

Uma das dificuldades mais referidas pelas bibliotecárias foi a não inclusão das correções feitas por elas, seja por parte dos editores, mas principalmente pela gráfica que faz a editoração dos fascículos, que além de, muitas vezes, não incluir as correções, ainda altera a formatação feita por elas:

Às vezes eu fazia as correções, a gente sentava, conversava [com o editor] [. . .] e aí quando a revista chegava tinha um monte de coisas que tu observou que os caras não seguiram [. . .]. Aí quando a revista tá para sair vem o boneco da revista primeiro para dar uma olhada no próprio boneco. Então tinham algumas coisas que eu comecei a notar que era na finalização, na própria editora, era a maneira como faziam. Quando chega na editora aí a gente se dá conta que tu tem que fazer correções realmente bem específicas, bem detalhadas [. . .]. Às vezes chegava na fase já da impressão e tinham coisas que já eram para terem sido arrumadas, já tinham ido para o autor e acabavam ficando. É mais complicado fazer a correção para o pessoal da gráfica [. . .], e até para tu corrigir tu tem que corrigir de uma maneira bem detalhada, porque senão o cara não entende o que é para fazer e acaba corrigindo errado também (E. 1).

Com o editor eu tive que conversar com ele uma vez, até em função disso, dizer: “olha aqui, ou tu arruma ou senão eu vou tirar meu nome da revista, porque eu não vou botar meu nome na revista [. . .] com esses erros [. . .], porque as revistas vão para as principais bibliotecas” (E. 1).

A gente já está com os artigos prontos da próxima, mas só a gráfica, nesse último número, levou dois meses e meio para nos entregar [. . .]. Então essa para mim é a fase mais ansiosa assim, é essa fase que vai para a gráfica, a gente vai lá e corrigi, corrige, corrige, quando volta tem um defeito, manda de volta [. . .]. Eles fazem a editoração da revista, esse é o problema. Então tem coisas que continuam erradas. Nós vamos tentar fazer a editoração agora através da plataforma SEER, usar essa ainda, porque a gente vai continuar com a impressa e a eletrônica [. . .], e aí já mandar para eles só para imprimir. Porque daí, talvez, eles não mexam na nossa formatação. Eu acho até que a intenção é boa deles, de arrumar, mas fica diferente do que a gente manda, não sei por quê. Corrijo a prova e continua com problemas. E isso aqui é muito importante na hora da avaliação por um comitê (E. 6).

Percebe-se nas falas das bibliotecárias uma grande preocupação em que tudo seja publicado corretamente na revista. Elas se consideram tão responsáveis quanto os editores, já que seus nomes constam nos créditos da publicação, e também, como bibliotecárias, se apegam mais aos detalhes da formatação e estruturação da revista do que os próprios editores, que se concentram mais no seu conteúdo.

Referente ao processo de editoração em si dos fascículos, verifica-se que essa relação com a gráfica é bastante desgastante para as bibliotecárias. Acredita-se que, por não haver bibliotecários atuando nessa parte de editoração nas gráficas, aconteça esse conflito de conhecimentos, já que, para as bibliotecárias, o que vale é o que está na norma seguida pela revista, enquanto que a gráfica toma como base seus conhecimentos de editoração e leiaute tradicionais dessa área, que muitas vezes não são semelhantes. Entretanto, não se entende a necessidade da gráfica modificar um leiaute que já foi definido pelos seus clientes, e acredita-se que seja papel do editor intermediar essa negociação e providenciar para que o trabalho final fique de acordo com o que foi previamente definido pela equipe do periódico.

Outra dificuldade bastante comentada pelas entrevistadas é referente aos autores dos artigos, ou por não aceitarem as modificações realizadas pelas bibliotecárias, ou, principalmente, por não seguirem as normas e instruções publicadas nas revistas:

Alguns autores não aceitavam, não que tu mudasse o texto, mas que, digamos: “tu tens que citar assim ou assado” [. . .]. A gente teve alguns problemas, assim, do editor aceitar, e muitas vezes do próprio autor se submeter às normas da revista: “ah, mas eu sou um doutor, eu sou o cara da área, é assim que eu escrevo e é assim que vai ficar” (E. 4).

Existem instruções para os autores na revista, mas às vezes a gente observa que muitas pessoas não lêem. Então elas mandam umas coisas completamente diferentes [. . .] (E. 1).

Mesmo assim, com todos os exemplos [de referências que estão nas instruções publicadas na revista], eles não mandam assim, os autores [. . .]. As referências são terríveis (E. 6).

Foram mencionadas, também, dificuldades em relação à identidade do editor. Como ele normalmente não é uma pessoa vitalícia nas revistas, quando há essa troca, podem ocorrer problemas pelo editor não entender o trabalho do bibliotecário, como é possível perceber nos depoimentos:

Muitas vezes eu vejo que tem uma certa falta de entendimento [. . .]. Dependendo do editor da revista, muitas vezes a gente não conseguia, digamos assim, impor aquela questão de “não, isso não pode ser assim, nós vamos ter que alterar”. Eu percebia que, há muitos anos atrás, quando a gente fazia em papel, a gente tinha problemas com o editor, que ele não aceitava, mas muitas vezes por

não conhecer, por não saber que essas questões são valorizadas. O periódico se qualifica se ele tem um padrão [. . .]. Essa equipe que tá trabalhando agora tem um entendimento diferente, tanto que ela passa primeiro pra mim, pra eu fazer uma geral no texto (E. 4).

Tem muito a ver com a identidade de quem está fazendo a revista. Provavelmente se fossem outros professores eu não sei se eu estaria assim tão à vontade (E. 6).

Acredita-se que esta seja uma questão bastante importante em um periódico, pois quando há troca do editor, dependendo da situação, podem acontecer conflitos entre este e a equipe que já atuava antes dele assumir. Nesses casos, o bibliotecário precisa construir novamente uma relação de confiança com o editor, demonstrando o valor do seu trabalho e a importância que há em se manter um padrão na revista.

Uma bibliotecária, que é responsável por todo o processo de editoração do periódico, citou também como dificuldade a falta de recursos humanos para trabalhar na revista, já que ela conta com apenas dois bolsistas que desenvolvem suas atividades somente no periódico, já que não há funcionários atuando na função de secretaria, e por serem bolsistas, ocorre muita rotatividade. Além desses, somente tem o auxílio eventual de alguns bolsistas da biblioteca em momentos de maior fluxo de trabalho, como na expedição das revistas. Esse é um fato bastante comum em revistas de universidades públicas, já que há falta de verbas e de incentivo para grande parte desse tipo de publicação, que tem se mostrado bastante onerosa para suas unidades mantenedoras, e contam, muitas vezes, apenas com o apoio voluntário dos pesquisadores da área e de alunos da instituição. Ocorre também ausência de concursos públicos para suprir as necessidades de recursos humanos em todos os setores dessas universidades.

Duas bibliotecárias referiram não ter encontrado nenhuma dificuldade na realização do seu trabalho nos periódicos, sendo que em um dos casos já havia uma bibliotecária atuando na revista antes dela, motivo pelo qual justificou a ausência de dificuldades.

Verifica-se que as dificuldades citadas pelas bibliotecárias para realização das suas atividades são de diversos tipos, e na maioria dos casos, advêm de fatores extrínsecos a elas.

4.5 Outras Atividades

Metade das bibliotecárias acredita que as atividades que desenvolvem nas revistas são suficientes, não havendo tempo hábil para a realização de outras, principalmente pelo acúmulo de funções na biblioteca e no periódico:

O que se pode fazer fica nesse tipo de atividade, é feito. Dentro do tempo que nós temos aqui dentro [da biblioteca] é impossível fazer [mais alguma atividade], aí tu teria que se dedicar só para aquilo ali (E. 1).

Como nós temos muita coisa aqui dentro da biblioteca, acaba ficando muito difícil ir além disso, desse tipo de atuação dentro da revista, mas eu acho que está bem distribuído. A secretária pega essa parte mais burocrática, administrativa, [. . .] e a gente fica com essa parte técnica (E. 2).

Uma bibliotecária comentou que outra atividade a ser realizada por ela poderia ser a elaboração de índices dos fascículos. Outra bibliotecária gostaria de ajudar mais na divulgação da revista. E uma terceira citou a elaboração de orientações aos pareceristas e aos autores, disponibilizando um e-mail para tirarem dúvidas, como um serviço de consultoria.

Uma entrevistada referiu que, como bibliotecária, não haveria mais nenhuma atividade a ser desenvolvida, limitando-se à normalização:

Eu acho que seria isso. O papel do bibliotecário eu acho que é esse ali na revista. Não sei se teria mais alguma coisa, além de tu dar esse complemento nos artigos, informações que faltam, não sei, agora não vejo nada além disso mesmo (E. 4).

Também acredita que os bibliotecários devem se envolver apenas com a questão da normalização dos periódicos, como explica no seu depoimento:

Só a questão da normalização, eu acho. Como o bibliotecário não se envolve com o conteúdo, ele consegue com mais facilidade atentar só a esta questão da norma, da padronização do artigo. O Conselho Editorial se envolve com o conteúdo do artigo e avalia se vai ou se não vai entrar na revista, ele tá ali mensurando a importância daquele artigo para o conteúdo da revista, e o bibliotecário não. Ele fica

praticamente preso só a esta questão formal. Então eu acho que se os dois trabalham em conjunto, dão qualidade para o periódico (E. 4).

A bibliotecária E. 2, que realiza diversas atividades além da normalização, mas não acompanha todo o processo de editoração do periódico, não acha que este seja o papel do bibliotecário, que teria que atuar na normalização, nas decisões da estrutura da revista, nas permutas, em projetos e na divulgação.

Contraopondo a essas opiniões, uma das bibliotecárias acredita que o profissional deveria se envolver em todas as etapas do processo de editoração de uma revista, como ela faz:

Eu só fico preocupada que tem pouco bibliotecário ainda acompanhando tudo [nas revistas] [. . .]. Na maioria das revistas que eu conheço o bibliotecário só faz a normalização e a apresentação final [. . .]. Infelizmente eu acho que é muito pouco para o bibliotecário. Agora, tem bibliotecário que não quer se envolver nessa parte, porque envolve muito mais trabalho (E. 6).

Segundo Job (2007), a participação de um bibliotecário na equipe editorial de um periódico científico traz mais qualidade à publicação, podendo contribuir não só no que se refere à normalização dos artigos e da revista, mas em todo o processo da comunicação científica, como na recepção dos artigos, comunicação com os avaliadores e autores, recebimento dos pareceres, reuniões com o comitê editorial, controle de permutas e atualização do *site* da revista.

Acredita-se que o bibliotecário não necessariamente tenha que realizar todas essas atividades sozinho, mas, pelo menos, deve saber como funciona o fluxo da revista na qual trabalha, em todas as suas etapas, e, se possível, acompanhar todo o processo de editoração, contribuindo com seus conhecimentos para sugerir mudanças que possam melhorá-lo e deixá-lo mais ágil.

Analisando as atividades relacionadas ao profissional bibliotecário pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2002) nas diversas áreas citadas, foram encontradas algumas atividades que podem ser realizadas por ele no processo de editoração de uma revista científica, como: prestar assessoria técnica a publicações, normalizar trabalhos técnico-científicos, elaborar programas e projetos de ação, desenvolver planos de divulgação e marketing, desenvolver metodologias para geração de documentos digitais ou eletrônicos, subsidiar informações para

tomada de decisões e capacitar recursos humanos. Na área “demonstrar competências pessoais” destacou-se algumas atividades que foram citadas pelas entrevistadas, e outras que se consideram essenciais para o trabalho do bibliotecário, como: manter-se atualizado, trabalhar em equipe e em rede, demonstrar conhecimento de outros idiomas, demonstrar capacidade empreendedora, demonstrar pró-atividade e demonstrar criatividade.

Verifica-se que a maioria das bibliotecárias entrevistadas não se vê realizando outras atividades no periódico, principalmente porque precisam dividir o seu tempo de trabalho também com a biblioteca, mas, além disso, acredita-se que outros fatores possam influenciar no seu modo de pensar, como uma certa acomodação em relação ao seu trabalho, ou talvez uma falta de abertura por parte dos editores, ou ainda o desconhecimento do seu potencial para realizar outras tarefas que tradicionalmente não fazem parte do repertório do profissional bibliotecário, apesar de já constarem no rol de atividades da CBO (BRASIL, 2002).

Concorda-se com Ribeiro e Santos (2006) quando estes dizem que o bibliotecário deve trabalhar juntamente com o cientista para apoiar a criação do conhecimento, e, ao mesmo tempo, aprendendo a lidar com as estruturas da comunicação científica, assumindo um papel mais participativo. Entretanto, para isso, o bibliotecário não deve temer o desconhecido, ou ainda, ter receio de estar adentrando em uma área a que não pertence, e sim assumir uma postura mais pró-ativa, com seu trabalho pautado na interdisciplinaridade e acreditando no seu potencial, deixando, assim, de ser um simples executor de tarefas para mostrar a sua devida importância.

4.6 Impacto do Formato Eletrônico e do Crescimento da Revista

Dos oito periódicos que possuem bibliotecários atuando no seu processo editorial, metade utiliza o SEER para editoração eletrônica dos artigos, sendo que um deles já migrou totalmente para esse sistema, passando a publicá-los prioritariamente na versão eletrônica, utilizando a versão impressa apenas para permuta com bibliotecas. Os outros três estão em fase de transição para o sistema, mas não pretendem deixar de publicar a versão impressa. Duas revistas

disponibilizam seus artigos diretamente em *site* próprio, no formato PDF, sem auxílio de nenhum programa de editoração eletrônica, sendo que uma delas sempre foi totalmente eletrônica. Outras duas não possuem nenhuma versão eletrônica e também não utilizam nenhum sistema de editoração eletrônica.

A UFRGS apóia e incentiva a editoração eletrônica pelo SEER, realizando desde 2005 cursos voltados a todas as revistas da instituição interessadas na utilização desse sistema, trazendo pessoal qualificado do próprio IBICT para ministrar os cursos. Também presta todo o suporte técnico para implantação e manutenção do sistema.

Em relação às bibliotecárias entrevistadas, apenas duas se envolvem diretamente no processo de editoração eletrônica da sua revista, auxiliando na implantação do SEER junto aos editores, sendo que uma delas realiza somente essa atividade no periódico. A outra bibliotecária que atua na implantação do SEER se envolve em todas as etapas do processo editorial da revista, e considera essa fase bastante trabalhosa, exigindo mais dedicação da sua parte. As duas bibliotecárias não conseguem ainda perceber uma maior agilidade no fluxo de trabalho, mas esperam que futuramente isso passe a ocorrer, assim como prevêem que o sistema trará muitas vantagens para o periódico, como a sua maior visibilidade.

Mesmo que a gente ainda não tenha finalizado a editoração eletrônica da revista, a gente prevê uma série de vantagens [. . .]. Eu acho que a editoração eletrônica veio para ficar. Eu acho que é uma evolução que todas as revistas que tem a oportunidade deveriam também ter uma versão eletrônica, até porque a gente tem o SEER, esse sistema de editoração eletrônica de revistas do IBICT que é totalmente gratuito. Então isso é um excelente incentivo no nosso país, não precisar pagar... Então é uma questão até dos editores se conscientizarem e ver as vantagens que ele tem, a visibilidade da sua revista para o mundo. Então eu acho que essa é a maior vantagem, eu acho que agrega valor a qualquer título de periódico que venha a ser editorado eletronicamente (E. 8).

Uma pesquisa realizada por Muniz Júnior e Ferreira (2005), com um periódico que utiliza o SEER, listou os principais benefícios trazidos pelo sistema na opinião do seu editor, que foram: layout mais interessante e amigável para o usuário-leitor; informatização das atividades editoriais; arquivamento *on-line*, o que favorece a recuperação e diminui a quantidade de papel utilizada no processo; e transparência

do processo para os autores, já que todos eles recebem o *feedback* dos avaliadores e dos membros do comitê editorial.

Corroborando com essa opinião, a bibliotecária da revista que já implantou completamente o SEER acredita que ele agilizou e facilitou o seu trabalho:

[O SEER] facilitou bastante. É uma coisa mais ágil. Mesmo estando em *Word* os artigos, a gente recebia a cópia impressa, a gente não tinha acesso ao documento no computador [. . .], era uma revisão a lápis e caneta. Agora não, a gente tem a cópia original que fica armazenada em algum lugar, e aí a gente vai manipulando aqueles arquivos que a gente está recebendo ali no programa. Então fica um histórico, não tem como se perder. É muito mais ágil (E. 4).

A bibliotecária que atua nas duas revistas que não possuem versão eletrônica, nem contam com o auxílio de um programa de editoração, comentou que esse processo seria um grande desafio para ela, já que diz ser do tempo da “biblioteconomia do papel”, pois concluiu a graduação há muito tempo, quando nem se falava em informática ainda. Esse sentimento vai ao encontro do que pensam Mendonça, Fachin e Varvakis (2006, p. 242), quando afirmam que “O impacto dessas novas tecnologias está sendo encarado como um desafio para todos os profissionais, em todas as áreas do conhecimento, em especial os bibliotecários, profissionais que atuam diretamente com a informação.”.

Segundo essa mesma bibliotecária, por enquanto, os editores não têm muito interesse na informatização das revistas, já que a área em que elas estão inseridas ainda está muito ligada ao papel e ao tradicional. De acordo com Muniz Júnior e Ferreira (2005, p. 10), “[. . .] há, sim, uma resistência psicológica por parte de alguns profissionais em relação ao novo suporte, em função da insegurança que estes possuem para com o armazenamento imaterial da informação.”.

No entanto, os autores supracitados concluem que o SEER, embora automatizando algumas tarefas com redução de custos e de tempo de trabalho, não desvirtua o trabalho original da equipe editorial devido à semelhança com o processo utilizado na maioria das revistas em formato impresso, já que a única alteração profunda se concentra no suporte de arquivamento e de acesso.

Apesar de haver essa resistência tecnológica por parte de alguns profissionais, não pode ser descartado o fato de que a maioria dessas revistas conta com recursos humanos escassos, e esse processo de editoração eletrônica

necessita de tempo e dedicação para a sua implantação, sendo que o retorno pode ser demorado até que se consigam sobressair todas as vantagens prometidas pelo sistema.

Além do formato eletrônico, foram citados outros fatores que tiveram impacto no trabalho desenvolvido pelas entrevistadas. Duas bibliotecárias referiram que sua participação cresceu com o aumento da periodicidade da revista, e uma, com a melhor qualificação do periódico no Qualis devido à maior procura dos autores em publicar:

[Com o aumento da periodicidade] aumentou bastante [o trabalho]. É claro que é mais rápida a revisão [com o SEER], mas eu acho que ficou praticamente elas por elas. A revisão é mais rápida em função de ter um apoio tecnológico, mas aumentou o trabalho também, tanto que eu não fico fazendo só aqui [na biblioteca], porque se fosse só aqui eu não faria mais nada (E. 4).

Verifica-se que o bibliotecário tem desempenhado papel importante nos periódicos em que têm atuado, participando cada vez mais do seu processo de editoração, tanto na versão impressa quanto na eletrônica, com seu trabalho acompanhando o crescimento da revista.

4.7 Conhecimentos Aprendidos no Curso de Graduação em Biblioteconomia

A maioria das bibliotecárias comentou que os conhecimentos trazidos do seu curso de graduação que ajudam a realizar o seu trabalho foram somente os básicos, como indexação, normalização, ISSN, identificação dos diferentes tipos de documentos, etc., como demonstrado a seguir:

Acho que a gente teve uma base boa dentro da faculdade. [. . .] eu acho que a gente teve uma boa formação, isso colabora bastante (E. 1).

[Eu trouxe] noções básicas, que eu acredito que é isso que a faculdade passa, só as noções básicas, e o resto o profissional não pode parar, ele tem que correr atrás (E. 7).

A gente vê a questão da normalização, o formato dos periódicos [. . .], a parte também de ISSN, a gente sabe que isso é importante, que todo periódico tem que ter... Isso aí tudo foi visto na faculdade (E. 5).

A facilidade de trabalhar com uma referência bibliográfica, de conhecer os elementos que a compõe, de explicar o porquê, de poder dar essa informação, ter esse diálogo com os editores, eu acho que é importante [. . .]. Também a questão do padrão, de ter um padrão, de entender para que serve um padrão, de explicar para as pessoas, para o editor, digamos, a importância de manter um padrão. O padrão tem uma importância, porque a nível nacional, a nível internacional qualifica a revista (E. 4).

Duas bibliotecárias referiram não ter utilizado nenhum conhecimento aprendido no Curso de Biblioteconomia para realização do seu trabalho na revista, como exposto por uma delas:

Nenhum. Isso tudo eu aprendi aqui com a profissão. Eu acho que a Faculdade, nesse aspecto, ela realmente não te dá muita informação, ela não te diz que esse seria um outro campo [. . .]. Na minha época não era um campo que tinha essa parte de editoração. Mas eu acho que o bibliotecário tem esse campo para atuar, realmente, na parte de normalização, da editoração (E. 2).

No entanto, acredita-se que, no caso de E. 2, houve um lapso ao não referir ter utilizado os conhecimentos referentes à normalização documentária, já que essa disciplina faz parte do currículo mínimo dos cursos de Biblioteconomia brasileiros desde 1962 (CASTRO, 2002). Já a outra bibliotecária, E. 8, como atua somente na inserção da revista no meio eletrônico, não teve, realmente, no seu curso de graduação, conhecimentos referentes à editoração eletrônica de periódicos, e tampouco, relacionados à informática, já que estes ainda não eram lecionados na época da sua formação, e aqueles não são, até hoje, ministrados na Universidade.

E. 4 comentou que o Curso de Biblioteconomia também poderia ensinar outras normas além das da ABNT, como as de *Vancouver*, utilizada inclusive por revistas brasileiras.

Eu acho que o Curso [de Biblioteconomia] poderia trabalhar com outras normas, não só com a ABNT. [. . .] A *Vancouver* é uma norma que está disponível em qualquer site, que tem acesso a todo o conteúdo. A ABNT tu não tem, ela já é restritiva, agora ela já não é tão restritiva porque tu pode até ter uma cópia em PDF, tu pode fazer uma cópia, mas ela é muito restritiva, ela tem falhas, tem coisas que tem que adaptar. Eu acho que no curso a gente poderia ter uma

panorâmica maior das normas que são utilizadas na área médica, nas ciências exatas, porque é uma outra informação [. . .]. Eu acho ABNT importante, mas eu acho que ela tinha que ser mais acessível. Como é que o autor vai ter acesso a uma norma se ela não está disponível assim como a *Vancouver* está (E. 4).

Acredita-se que as normas da ABNT para normalização documentária são muito importantes para o registro da comunicação científica brasileira. No entanto, verifica-se a relevância dos cursos de graduação em Biblioteconomia tratarem também de normas internacionais, já que estas, muitas vezes, são utilizadas em revistas brasileiras, como o padrão do *International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE)* – mais conhecida como *Vancouver* e amplamente utilizada na área das Ciências da Saúde – e as normas da *American Psychological Association (APA)* – utilizada principalmente na área da Psicologia.

Todas as entrevistadas comentaram que o Curso de Biblioteconomia deveria, ao menos, mostrar aos alunos os periódicos científicos como um campo de trabalho do bibliotecário, ensinado noções básicas de comunicação científica, fluxo editorial de uma revista e editoração de periódicos eletrônicos, como comenta E. 6:

A Faculdade deveria mostrar que existe ainda essa possibilidade e mostrar como ele [o aluno] poderia atuar (E. 6).

Para que o bibliotecário assuma, na sociedade da informação, um papel condizente com o referido pela literatura, que o coloca como o “moderno profissional da informação”, mostrando-o como um profissional multifacetado que não tem mais como posto de trabalho unicamente a biblioteca, é necessário que esse processo se inicie na Universidade. Isso para que ele compreenda, desde cedo, a amplitude da sua profissão, e tenha, no mínimo, noções dos ambientes em que poderá atuar e das atividades que poderá realizar durante e após a sua formação.

4.8 Conhecimentos Adicionais Necessários

As bibliotecárias comentaram que somente as noções básicas aprendidas no Curso de Biblioteconomia não são suficientes para o exercício das suas atividades.

Citaram a experiência na revista e a constante atualização profissional como fator determinante para o bom desenvolvimento e aperfeiçoamento do seu trabalho:

A maior experiência é no dia-a-dia com a revista, consultando normas, revisando a revista [. . .]. Eu não tive na faculdade, nem mencionado, sobre esse tipo de trabalho. Mas a faculdade não traz isso, é o bibliotecário que aprende depois na área de trabalho dele. [. . .] a gente vai se atualizando, porque se ficar só com a formação acadêmica e parar, a gente não consegue desenvolver nada (E. 7).

De lá para cá [Curso de Biblioteconomia], tudo o que a gente sempre se aperfeiçoou foi sempre pegando coisas, acompanhando, fazendo cursos (E. 1).

A gente tem que estar sempre em contato, sempre procurando saber, procurando as novidades no meio em que as coisas estão acontecendo, porque senão tu fica de lado. Eu acho que é extremamente importante a gente estar conhecendo, sabendo tudo o que está acontecendo no momento para poder atuar onde tem a brecha, não esperar que a coisa venha, a gente vai. [. . .] a gente tem que estar sempre em contato com o pesquisador, com essas áreas, novas tecnologias, a gente tem que estar sempre ligado nisso, quando surge, a gente tem que ir atrás, tipo a indexação nas bases, isso aí é extremamente importante, então na medida que está surgindo uma base na área a gente corre atrás (E. 5).

Targino (2000) considera a atualização como essencial a qualquer profissão, indo além dos conhecimentos técnicos e relacionando, de forma abrangente, habilidades e atitudes.

Devido, principalmente, às novas tecnologias da informação, as bibliotecárias tiveram que buscar esse aperfeiçoamento por conta própria. Santos (2000, p. 114) refere que o domínio das tecnologias para o acesso, tratamento e recuperação da informação se inicia nos cursos de graduação, mas seu aprimoramento depende de um projeto pessoal, já que, nesse setor, “[. . .] o que foi aprendido hoje pode estar ultrapassado amanhã.”. Existe ainda o fato de que a maioria dessas bibliotecárias concluiu o Curso de Graduação há mais de 20 anos, referindo que naquele tempo ainda não se falava nessas tecnologias, e comentaram que tiveram que “começar do zero”.

Figueiredo e Souza (2007, p. 15) também acreditam que o bibliotecário não pode ficar preso e na dependência apenas do que é ministrado na universidade, “Ele precisa buscar novos conhecimentos e, acima de tudo, aguçar determinadas competências e habilidades inerentes à sua pessoa, como capacidade de liderança

e criatividade [. . .].” Concorda-se com Pereira (2005) quando este diz que a formação acadêmica já não é mais garantia de atuação profissional. O bibliotecário precisa reconhecer isso para não ficar acomodado e, assim, conseguir ocupar também os nichos de mercado que não são tradicionais da sua profissão.

Os conhecimentos que as bibliotecárias entrevistadas consideram necessários para se trabalhar em uma revista, além dos aprendidos no Curso de Biblioteconomia, foram principalmente os relacionados ao fluxo editorial de uma revista, tanto na sua forma tradicional em papel, quanto na sua versão eletrônica, como é evidenciado nos seus depoimentos:

Toda essa parte de editoração, todo esse caminho da revista é importante [. . .] para entender um pouco melhor a dinâmica da coisa. Aí realmente, isso é uma coisa que na faculdade eu vi que nem hoje eles passam muito isso aí, e é uma coisa que tu tem que buscar fora (E. 1).

Tem que saber todo o fluxo dela [da revista], como ela funciona, desde os pareceristas até o retorno que você tem que dar ao autor. Tem todo um trâmite que é especial, que isso você não vê na faculdade, é a experiência que traz para o bibliotecário (E. 7).

Eu acho que tu tem que ter conhecimento de produção científica. Eu acho que a pessoa que só normaliza não consegue trabalhar bem o artigo (E. 6).

O conhecimento da área em que se está atuando é considerado também muito importante pelas bibliotecárias, assim como noções de idiomas, principalmente o inglês:

A gente tem que conhecer área, conhecer os pares, quem trabalha na área, tem que saber noções de inglês [. . .], tem que ter um conhecimento de línguas... Eu acho que é isso, dedicação, estar por dentro, procurar ficar por dentro do que sai a respeito dos periódicos (E. 5).

Eu acho que tem que ter um bom conhecimento da normalização, estar sempre atualizado, saber quais os órgãos que vão poder auxiliar na valorização da tua revista. O bibliotecário tem que saber quais são os indexadores daquela tua área [. . .], ter uma preocupação de que essa revista seja indexada internacionalmente [. . .]. Se tu valorizar a revista, cada vez mais os autores vão procurar publicar na revista (E. 2).

De acordo com Santos (1996), o profissional bibliotecário deve possuir um bom nível de cultura e formação geral adequada, incluindo o conhecimento de línguas estrangeiras, conhecimentos técnicos em informação e documentação, conhecimentos da área de especialização e da área de administração.

Entretanto, em uma pesquisa realizada por Souza e Natri (1996) com bibliotecários atuantes no interior do Estado de São Paulo foram analisados os conhecimentos que faltaram para uma boa atuação profissional na opinião dos respondentes. Os mais citados, com 47,37%, foram os conhecimentos instrumentais, como informática, idiomas e áreas específicas de trabalho. Percebe-se que esses conhecimentos são realmente pouco explorados nos currículos de Biblioteconomia, mas são essenciais para o bom desempenho profissional, independente da área em que o bibliotecário esteja atuando e do tipo de trabalho que ele esteja executando.

Concorda-se com Santos (2000, p. 116) quando esta refere que “Nenhum currículo universitário fornece tudo o que é necessário saber [. . .]”. Por isso, o bibliotecário deve possuir um projeto de vida profissional no qual a educação continuada seja meta permanente.

4.9 Importância do Bibliotecário nos Periódicos Científicos

Todas as bibliotecárias consideram muito importante a presença de um bibliotecário atuando efetivamente no processo de editoração dos periódicos científicos. A principal razão, apontada por todas elas, é a manutenção de um padrão de normalização, o que influencia diretamente para a qualidade da revista, já que todos os sistemas de avaliação de periódicos científicos consideram a parte formal como item decisivo para o seu bom desempenho. Todas concordam que o bibliotecário é o profissional especializado mais adequado para esse tipo de serviço:

Eu acho que toda revista segue normas e segue padrões, e nada como o cientista da informação que sabe lidar, que sabe trabalhar com isso. Então para tornar ela confiável, deixar a revista dentro dos padrões, das normas, o bibliotecário é fundamental (E. 7).

Então eu acho que, em relação à revista, isso é importantíssimo, que a revista seja realmente normalizada, que tenha um padrão, porque

isso aí é qualidade na hora de apresentar um trabalho [. . .]. E o bibliotecário é o profissional especializado para isso (E. 1).

Então esse é o papel do bibliotecário, realmente é informar como trabalhar com um padrão, a qualidade daquela revista, porque em uma revista indexada o valor dela é muito maior, a penetração dela é muito maior [. . .]. Eu acho que todos os editores deveriam ter no seu quadro um bibliotecário, é importante (E. 2).

Hoje em dia toda a avaliação de periódicos é feita em cima de uma normalização, de uma consistência, tanto na apresentação, é muito importante essa parte, não é só por estética, mas a parte de caráter científico da revista (E. 6).

Para uma das bibliotecárias entrevistadas, o profissional bibliotecário é muito importante na esfera do conhecimento científico, pois segundo ela:

O bibliotecário colabora sempre, às vezes ficando oculto, na maioria das vezes, na tradução do conhecimento científico, na medida em que ele auxilia e orienta os autores, pesquisadores, alunos, professores, enfim, a fazerem suas pesquisas, suas buscas bibliográficas nos diversos meios que se dispõe hoje. E na questão da editoração como um todo, usando o termo editoração bem amplo na revista, ele atua com os conhecimentos que ele tem a respeito de normalização dos artigos, em conjunto com outros profissionais. Então eu acho que é muito importante a colaboração ou a manutenção de um bibliotecário na equipe de editoração de uma revista (E. 8).

Além da contribuição do bibliotecário para a revista, as entrevistadas acreditam que elas também são beneficiadas pela valorização profissional advinda desse trabalho:

Eu diria que seria a valorização da profissão dele, dele verificar que pode atuar em outro campo, a valorização como profissional dentro da instituição [. . .], também em relação ao padrão da revista, à qualidade da revista, que a gente observa que realmente a revista tem outro padrão [. . .] (E. 2).

Eu acho importante a gente participar pela gente mesmo, por ser profissional, e pelo fato da gente reger a coisa. [. . .] e até pela valorização do próprio profissional e pela valorização da biblioteca, porque eu acho que deveria ser uma coisa da biblioteca, fazer a revista, ou pelo menos pedir a colaboração se for um setor separado [. . .] (E. 3).

Contraopondo ao que foi dito pelas pessoas responsáveis por algumas das revistas onde não há bibliotecários atuando no seu processo editorial, ou seja, que não haveria necessidade desse profissional já que os artigos já vinham normalizados pelos autores, as bibliotecárias entrevistadas comentaram que os autores dificilmente seguem as normas publicadas nos fascículos, sendo o bibliotecário essencial para se manter uma padronização no periódico:

Eu acho importante para dar um rumo, porque senão cada um faz uma coisa e aquilo se torna uma salada de frutas, porque eles [os autores] amam fazer coisas diferentes [. . .]. Eu acho que essa parte assim de reger a coisa, acho que é melhor (E. 3).

Eu acho que seria essencial [ter um bibliotecário atuando nas revistas]. Eu acho que ficaria muito díspar, cada um apresenta de um jeito, cada um da sua forma... (E. 4).

Ainda sobre essa questão, as bibliotecárias comentaram a importância da normalização feita por um profissional especializado no momento da recuperação das referências citadas nos artigos, e também acreditam que a padronização facilita a leitura e a compreensão do texto, como se pode verificar nas falas de E. 1:

A gente sabe por experiência de pegar revistas que vêm totalmente disformes, não estão de acordo com as normas, nacionais ou internacionais, ou fazem uma mistura, uma salada, então eu acho que é importante para a publicação ela ser realmente normalizada e enxergar lá adiante, o lado da recuperação para quem vai usar a revista. Então se ela for bem normalizada, o bibliotecário enfatizar bem a importância do próprio autor ter o cuidado com as informações que ele dá, e isso é uma coisa muito séria, porque a gente vê muito no dia-a-dia as pessoas que estão fazendo pós-graduação que vem aqui com listas, bah, isso eu não achei, não achei, aí tu vai fazer conferências, são informações erradas [...] (E. 1).

[...] [o bibliotecário] é importante para qualquer publicação, senão quando tu vê é uma salada nas publicações, até preocupada com o produto final, quando chegar na mão do usuário, e até para o entendimento das coisas, no momento em que a coisa começa a ficar padrão, normalizada, para a própria pessoa que acompanha aquilo ali se torna muito mais fácil a leitura de tudo aquilo ali, o entendimento também, com certeza (E. 1).

Segundo Rodrigues, Lima e Garcia (1998, p. 154-155), “[. . .] do ponto de vista do usuário, nada é tão frustrante quanto procurar um documento citado por um par/concorrente e descobrir que se tratava de um resumo enquanto se imaginava ser

um trabalho na íntegra.”. Os autores ainda afirmam que “[. . .] é desconcertante tentar decodificar uma complexa referência bibliográfica onde não fica clara a natureza do documento (um artigo, um capítulo de livro?).”.

Castro, Ferreira e Vidili (1996) realizaram uma pesquisa na qual foi analisada a qualidade formal de 311 títulos de periódicos latino-americanos das Ciências da Saúde, distribuídos em dois grupos: 45 periódicos que eram indexados tanto na base de dados LILACS⁶ como na MEDLINE⁷, e 266 que eram indexados somente na LILACS. Os resultados relativos às referências bibliográficas demonstraram grande diferença entre os dois grupos. Enquanto que o primeiro apresentou 77,8% de referências normalizadas, o segundo apresentou apenas 46,6%, ou seja, menos da metade das revistas desse grupo. As autoras constataram também que em alguns desses periódicos as referências não são apresentadas conforme com os exemplos incluídos nas instruções publicadas nos fascículos. Acreditam que “Essa baixa frequência de normalização das referências bibliográficas nos artigos prejudica a identificação e localização da bibliografia citada, o que pode ser indicativo de pouco rigor científico na apresentação de trabalhos nesses periódicos.” (1996, p. 7). Esse estudo comprova que a qualidade formal das revistas, junto com seu conteúdo, é fator decisivo na avaliação do periódico para a indexação em importantes bases de dados.

As entrevistadas também mencionaram o fato do trabalho destinado ao bibliotecário ser realizado pelos editores e professores da área, pessoas não especializadas para desempenhar esse tipo de atividade:

[. . .] como tem gente que quer ser bibliotecário por aí sem ser. A gente vê muito isso dentro da universidade mesmo, os professores e a cadeira de metodologia... aí vêm os alunos e eu pergunto: “quem te ensinou a fazer isso?”, “ah o professor”, mas espera aí, isso não é da alçada deles. Aqui a gente até não pode se queixar, eles estão reconhecendo muito o nosso trabalho. [. . .] tem uma parte que é realmente dele, do professor, a montagem do trabalho [. . .], agora quando chega na parte bibliográfica mesmo, eles já têm nos solicitado e bastante. Então eu acho que isso aí é um avanço, eles

⁶ A base de dados LILACS, criada pela BIREME, tem como objetivo registrar a literatura científica da América Latina e do Caribe na área das Ciências da Saúde, mediante a indexação de periódicos e de outros tipos de documentos publicados em 37 países da região (CASTRO; FERREIRA; VIDILI, 1996).

⁷ A base de dados MEDLINE indexa periódicos selecionados segundo critérios rígidos, distribuídos por 73 países, sem o objetivo de registrar toda a produção científica significativa desses países (CASTRO; FERREIRA; VIDILI, 1996).

estão reconhecendo que é importante mesmo [. . .]. Isso vai muito do próprio profissional também, tu tem que mostrar para eles [a importância do bibliotecário]. [. . .] até eles enxergarem a importância, vai muito da gente batalhar naquilo ali. Aqui eu posso dizer que eles já enxergam bem o nosso trabalho (E. 1).

Eu acho essencial a presença de um bibliotecário dentro da revista. Agora, tem muito professor que entende disso tudo também, mas muitas vezes eles estão errados, eles continuam fazendo as coisas erradas [. . .]. Eu acho que tem que ter [bibliotecário] em todas [as revistas]. [. . .] eu acho essencial a participação [do bibliotecário] em todas as etapas (E. 6).

Em um estudo realizado por Mota e Autran (2005) com sete periódicos da Universidade Federal da Paraíba, apenas um (14,28%) contava com um profissional bibliotecário para realizar a normalização. Nos demais casos esta era feita pelos editores e pela comissão editorial. Elas acreditam que as competências dos editores não estão claramente definidas na maioria dos periódicos, com suas funções perpassando o recebimento, a avaliação, a normalização, a distribuição, e, enfim, todo o procedimento editorial. As autoras concluem que, apesar de adotadas por todas as revistas pesquisadas, as normas não estavam sendo empregadas corretamente. Crêem que isso se deva à falta de conhecimento por parte dos responsáveis das publicações e sugerem que sejam contratados profissionais especializados para esse tipo de trabalho.

Esses resultados corroboram com os encontrados na presente pesquisa, em que apenas 11, dos 31 periódicos da UFRGS pesquisados, contam com o auxílio de um profissional bibliotecário no seu processo de editoração, sendo que desses, apenas 8 realizam a normalização em todos os fascículos.

Algumas bibliotecárias acreditam que não só nos periódicos científicos os bibliotecários poderiam atuar, mas também em todos os tipos de publicações científicas, inclusive em todas as etapas do seu processo, como nas editoras e na gráfica:

Como é uma publicação e está diretamente ligada à nossa área, eu acho que é bastante importante o bibliotecário estar inserido nesse meio e atuar junto a esse tipo de publicação. Aliás, todos tipos de publicações a gente deveria se envolver (E. 5).

Tinha que ter um bibliotecário na gráfica. Na editora tinha que ter um bibliotecário também (E. 6).

Acredita-se que, se houvesse bibliotecários acompanhando realmente cada etapa do processo de uma publicação científica, as reclamações das bibliotecárias a respeito da não inclusão das suas correções e da mudança da formatação feita por elas diminuiria ou até cessaria, já que instituições como as editoras geralmente preferem empregar, na melhor das hipóteses, jornalistas para a realização desse tipo de trabalho. Essa questão vai ao encontro do que diz Mostafa (1996) quando afirma que a área da Comunicação nunca se propôs a trabalhar com a comunicação científica, e sim com a comunicação de massa, não sendo sua preocupação entender a produção científica enquanto uma rede de citações. Segundo o autor, a Ciência da Informação, ao contrário, achou esse espaço, se tornando quase uma ciência das revistas científicas.

Percebe-se que o bibliotecário, cada vez mais, tem mostrado a sua relevância no processo da comunicação científica. Muitas revistas ainda não perceberam essa importância, talvez pelo desconhecimento das potencialidades dessa profissão ainda muito ligada a antigos estereótipos.

No I Fórum Nacional de Padronização e Divulgação da Produção Científica (2001)⁸, que teve o objetivo de colaborar na discussão sobre as formas de dinamizar a comunicação científica no país, foram lidas e aprovadas, após os debates, algumas recomendações. Destacam-se duas delas: “Que as revistas tenham um bibliotecário especialista em normalização trabalhando junto à editoria.” e “Que sejam oferecidos cursos de especialização em normalização para que sejam formados bibliotecários especialistas na área.”.

Acredita-se que as medidas acima citadas seriam o primeiro passo para a conquista desse território pelos bibliotecários. Isso não traria benefícios apenas a esses profissionais, mas também a todos os periódicos científicos, já que o bibliotecário é um profissional especializado que pode agregar valor e qualidade a qualquer título, contribuindo não só com seus conhecimentos técnicos sobre normalização, mas também em todas as fases do processo de editoração de uma revista.

⁸ Documento eletrônico não paginado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A editoração de periódicos científicos é um campo de trabalho ainda pouco explorado pelo bibliotecário. Percebeu-se também que grande parte desse mercado ainda não reconheceu nele um profissional que pode atuar juntamente com os editores no registro e divulgação do conhecimento científico.

Dos 31 periódicos científicos da UFRGS que se obteve retorno para esse estudo, constatou-se que apenas 11 (35,5%) possuíam bibliotecários atuando no seu processo de editoração.

A área das Ciências da Saúde é atualmente a que mais valoriza o trabalho desse profissional, já que todas as revistas pesquisadas dessa área contam com a atuação de bibliotecários na sua equipe. Em contrapartida, as áreas das Ciências Humanas e de Lingüística, Letras e Artes desconhecem totalmente o potencial do bibliotecário para trabalhar nesse meio, não contando com o auxílio de nenhum profissional.

Verificou-se que o Qualis dos periódicos não tem relação direta com o fato de haver bibliotecários atuando no seu processo de editoração. Entretanto, observou-se que as revistas de circulação internacional que não possuem bibliotecários são da área das Ciências Humanas. O que se pode inferir é que a presença desse profissional está sim relacionada à área do periódico, já que há grande diferença entre os tipos de pesquisas e os padrões aceitáveis para os artigos de cada área.

Todas as bibliotecárias entrevistadas têm envolvimento direto com a Universidade, e apenas uma delas não trabalha na biblioteca da unidade mantenedora da revista. No entanto, acredita-se que isso não seja fator determinante para a atuação do bibliotecário e seu sucesso nesse campo, que poderia, inclusive, trabalhar como autônomo.

A normalização é a atividade mais realizada pelas bibliotecárias. Para duas delas, essa é sua única atividade na revista. Outras duas participam de todo o processo de editoração do periódico, auxiliando diretamente o editor em todas as suas etapas. Acredita-se que o bibliotecário tem potencial para isso e não deve se prender unicamente à questão da técnica, contribuindo também com sua experiência, seus conhecimentos e suas habilidades.

Observou-se que todas as bibliotecárias se sentem satisfeitas com o trabalho que desenvolvem na revista, apesar de, muitas vezes, terem que realizar suas atividades fora do seu horário e sem receber remuneração a mais por isso. Todas declararam gostar do que fazem e pôde-se perceber que o reconhecimento e a realização pessoal são fatores motivadores para a realização das suas atividades, fazendo com que elas se sintam realmente satisfeitas com seu trabalho na revista.

As bibliotecárias relataram diversos tipos de dificuldades encontradas no desenvolvimento do seu trabalho, no entanto, verificou-se que esses problemas, na maioria dos casos, advêm de fatores extrínsecos a elas. As dificuldades mais comentadas pelas entrevistadas foram o fato dos autores não seguirem as instruções publicadas na revista, e também a não inclusão das correções e alteração da formatação feita por elas por parte da gráfica que faz a editoração dos fascículos, configurando uma relação bastante desgastante para elas. Acredita-se que o editor não esteja desempenhando seu papel de intermediador nesse último caso, que deveria assumir uma posição mais condizente com a sua responsabilidade na revista.

Para metade das entrevistadas, as atividades que desenvolvem nas revistas são suficientes, principalmente porque precisam dividir o seu tempo de trabalho também com a biblioteca. Além disso, acredita-se que possa ainda haver certa acomodação em relação ao seu trabalho, falta de abertura por parte dos editores, ou desconhecimento do seu potencial para realizar outras tarefas que não são tradicionais da profissão. O bibliotecário precisa assumir uma postura mais pró-ativa, com seu trabalho pautado na interdisciplinaridade e acreditando em si, deixando, assim, de ser um simples executor de tarefas para mostrar a sua devida importância, não só para a revista, como para toda a sociedade.

Em relação ao impacto do formato eletrônico e do crescimento da revista no trabalho das bibliotecárias, percebeu-se que apenas duas se envolvem diretamente no processo de editoração eletrônica da sua revista, auxiliando na implantação do SEER junto aos editores. Estas referiram que o sistema tem exigido delas bastante dedicação, mas ainda não conseguiram perceber as vantagens prometidas por ele. Além do formato eletrônico, foram citados o aumento da periodicidade da revista e a sua melhor qualificação no Qualis como fatores que tiveram impacto no trabalho desenvolvido pelas entrevistadas. Verificou-se que as bibliotecárias têm participado cada vez mais do processo de editoração dos periódicos, tanto na sua forma

tradicional, quanto na sua versão eletrônica, com seu trabalho acompanhando o crescimento da revista.

A maioria das bibliotecárias citou que apenas os conhecimentos básicos aprendidos no seu curso de graduação ajudaram a realizar o seu trabalho na revista. No entanto, elas referiram que somente esses ensinamentos não foram suficientes, e consideraram que os conhecimentos relacionados ao fluxo editorial de uma revista são imprescindíveis para o exercício das suas atividades, além da constante atualização profissional por meio da educação continuada.

Todas as entrevistadas comentaram que o curso de Biblioteconomia deveria mostrar aos alunos os periódicos científicos como um campo de trabalho do bibliotecário, ensinando noções de comunicação científica, fluxo editorial de uma revista e editoração de periódicos eletrônicos. É essencial para que o bibliotecário faça jus ao título de “novo profissional da informação” que esse processo se inicie na Universidade, com esta promovendo uma base sólida para que esse profissional possa, ao menos, ter uma noção dos ambientes nos quais poderá atuar e das atividades que poderá desenvolver na sua profissão. Dessa forma, sugere-se que os Cursos de Biblioteconomia incluam em seus currículos conteúdos relacionados à editoração de periódicos tradicionais e eletrônicos.

É opinião unânime das entrevistadas que a presença de um bibliotecário atuando efetivamente no processo de editoração dos periódicos científicos é muito importante. A razão principal foi a manutenção de um padrão de normalização, o que influencia diretamente na qualidade da revista. Todas concordaram também que o bibliotecário é o profissional especializado mais adequado para esse tipo de trabalho.

Percebe-se que, apesar de grande parte dos periódicos científicos ainda não (re) conhecer o bibliotecário como um profissional capaz de atuar juntamente com os editores no registro e divulgação do conhecimento científico, o bibliotecário tem mostrado, ainda timidamente, a sua relevância nesse processo, tentando se desvencilhar dos antigos estereótipos e mostrando ser um profissional multifacetado.

O bibliotecário certamente pode beneficiar os periódicos científicos com o seu trabalho, já que ele é um profissional especializado que pode agregar valor e qualidade a qualquer título, auxiliando diretamente o editor, juntamente com a comissão editorial, em todas as fases do processo de editoração de uma revista.

Verifica-se, entretanto, a falta de estudos sobre esse tema, o que poderia auxiliar o bibliotecário a melhor desempenhar suas atividades nesse ambiente ainda pouco explorado por ele, que é o da comunicação científica, especialmente o processo de editoração de periódicos científicos.

Sugere-se que sejam realizados estudos como esse com periódicos científicos de todas as regiões do Brasil, verificando se existem diferenças entre estas. Acredita-se que seria interessante, também, analisar o papel do bibliotecário que atua nas revistas da área das Ciências da Saúde por esta ter se destacado nessa pesquisa. Além disso, sugere-se que sejam realizados estudos com os periódicos das áreas das Ciências Humanas e de Lingüística, Letras e Artes para avaliar a necessidade destes terem um profissional bibliotecário atuando nas suas equipes. Ainda, sugere-se que sejam realizados estudos para verificar se existe relação entre o Qualis das revistas e o fato de haver bibliotecários atuando em suas equipes.

Os periódicos científicos são um campo de trabalho promissor, que deve ser mais explorado e estudado pelo bibliotecário, para que esse profissional possa definitivamente ocupar esse nicho no mercado, mostrando sua real importância, antes que outros profissionais o façam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional da Informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lúgia Pomim (Org.). **O Profissional da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.

ARELLANO, Miguel Ángel Márdero; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; CAREGNATO, Sônia Elisa. Editoração Eletrônica de Revistas Científicas com Suporte do Protocolo OAI. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 195-229.

BARRADAS, Maria Mércia. Prefácio. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 13-16.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. 12. ed. rev. atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto. **Revistas Científicas em Mídia Digital: critérios e procedimentos para publicação**. Florianópolis: Visual Books, 2003.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: profissionais da informação**. Brasília, DF: 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 21 set. 2007.

_____. Presidência da República. **Decreto Nº 56.725, de 16 de Agosto de 1965**. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Brasília, DF, 1965. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/legislacao/decretos/Decreto%2056725-65.asp>>. Acesso em: 21 set. 2007.

_____. _____. **Lei Nº 4.084, de 30 de Junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 21 set. 2007.

BUFREM, Leilah Santiago *et al.* Presença Temática da Educação na Comunicação Científica Indexada em Bases de Dados Internacionais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais eletrônicos** . . . Poços de Caldas: ANPEd, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/leilahsantiagobufrem.rtf>>. Acesso em: 17 maio 2007.

CAMPOS, Célia Maria Camargo *et al.* Satisfação no Trabalho: perspectivas de bibliotecários de uma universidade estadual. **Transinformação**, Campinas, v. 3, n. 1/3, p. 76-89, jan./dez. 1991.

CASTRO, César Augusto. Histórico e Evolução Curricular na Área de Biblioteconomia na Brasil. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO, Regina Célia Figueiredo; FERREIRA, Maria Cecília Gonzaga; VIDILI, Ana Lucia. Periódicos Latino-Americanos: avaliação das características formais e sua relação com a qualidade científica. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 1-15, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=500>>. Acesso em: 15 out. 2007.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Empresas**: uma abordagem contingencial. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hill, 1994.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Qualis**. Brasília, DF, 2006a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/webqualis.html>>. Acesso em: 11 out. 2007.

_____. **Tabela de Áreas do Conhecimento**. Brasília, DF, 2006b. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/avaliacao/Tabela_Areasconhecimento.pdf>. Acesso em: 21 set. 2007.

FACHIN, Gleisy Regina Bories; HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade. **Periódico Científico**: padronização e organização. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

FIGUEIREDO, Marco Aurélio Castro de; SOUZA, Renato Rocha. Aspectos profissionais do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 24, p. 10-31, 2. sem. 2007. Disponível em: <www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_24/figueiredo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2007.

FONSECA, Fábio José Lobo da; FONSECA, Fernanda Maria Lobo da; FONSECA, Nádia Lobo da. Ruptura de Paradigmas Biblioteconômicos, Autoformação e Mercado de Trabalho: estudo de caso. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 207-223, jan./dez. 2005. Disponível em: <www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=474&article=126&mode=pdf>. Acesso em: 26 jul. 2007.

FÓRUM NACIONAL DE PADRONIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 1., 2001, Fortaleza. **Relatório eletrônico . . .** Fortaleza: UFC, 2001. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufc.br/forum.html#inicio>>. Acesso em: 14 set. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Andréa; RAMOS, Lucia Maria S. V. Costa; CASTRO, Regina C. Figueiredo. Revistas Científicas: características, funções e critérios de qualidade. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Orgs.). **Comunicação & Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

JOB, Ivone. Avaliação de Periódicos Nacionais na Área de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF. **Anais . . .** Brasília, DF: ABDF, 2007. CD-ROM.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.

LE COADIC, Yvez-François. **A Ciência da Informação**. Brasília (DF): Briquet de Lemos Livros, 1996.

MARENGO, Lúcia. A Sociedade Informacional e seu Mercado de Trabalho. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 19-31, 1996. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=336&article=5&mode=pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2007.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MENDONÇA, Thais Carrier; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; VARVAKIS, Gregório. Padronização de Periódicos Científicos On-Line: estudo aplicado na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 229-246, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/452/372>>. Acesso em: 2 out. 2007.

MILANESI, Luís. A Formação do Informador. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O Periódico Científico Como Veículo de Comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=957&article=503&mode=pdf>>. Acesso em: 17 maio 2007.

MORENO, Fernanda. **Apresentação: funções editoriais: SEER: Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas**. Brasília, DF: IBICT, 2007. Disponível em: <http://www.ibict.br/anexos_secoes/apresentacao.funcoes.editoriais.SEER.2.ppt>. Acesso em: 12 nov. 2007.

MOSTAFA, Solange Puntel. Ciência da Informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 305-307, set./dez. 1996.

MOTA, Ana Roberta Sousa; AUTRAN, Marynice de Medeiros Matos. Periódicos Científicos: a experiência nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba – Campus I. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/Arquivos/Arquivo01.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2007.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O Periódico Científico. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica: um novo habitus profissional? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos . . .**

Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em:
<<http://dici.ibict.br/archive/00000570/01/artigo2.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2007.

OLIVEIRA, Marlene de. Canais Formais de Comunicação do Conhecimento Antropológico Produzido no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 1-11, set./dez. 1996. Disponível em:
<<http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=844&article=502&mode=pdf>>. Acesso em: 17 maio 2007.

PEREIRA, Eliane Aparecida Junckes. **O perfil do bibliotecário da área de Ciências da Saúde em Santa Catarina**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PEREIRA, Joana D'Arc da Silva. Função Gerencial do Profissional da Informação na Área de Biblioteconomia: divulgação do assunto em periódicos nacionais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais eletrônicos** . . . Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t096.doc>. Acesso em: 26 jul. 2007.

RIBEIRO, Célia Maria; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Produtividade Científica: impactos na normalização e na comunicação científica. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 104-121, dez. 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=276>>. Acesso em: 14 set. 2007.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; LIMA, Marcia H. T. de Figueredo; GARCIA, Marcia Japor de Oliveira. A normalização no contexto da comunicação científica. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 147-156, jul./dez.1998.

SANTOS, Jussara Pereira. O Moderno Profissional da Informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/informacao/viewarticle.php?id=27>. Acesso em: 17 maio 2007.

_____. O Perfil do Profissional Bibliotecário. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **O Profissional da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 107-117.

SCHULTZE, Silvana. Características de Periódicos Científicos Produzidos por Editoras Universitárias Brasileiras. **Informação & Sociedade: Estudos**, João

Pessoa, v. 15, n. 2, p. 1-13, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/36/34>>. Acesso em: 14 set. 2007.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A Formação Profissional no Século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2007.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Avaliação de Originais nas Revistas Científicas: uma trajetória em busca do acerto. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. p. 103-21.

_____. A Comunicação da Ciência na Universidade: o caso da UFRGS. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima (Org.). **Comunicação Científica**. Brasília, DF: Departamento de Ciências da Informação, Universidade de Brasília, 2000. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, v. 1).

_____. Passado e Futuro das Revistas Científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 1-6, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=846&article=504&mode=pdf>>. Acesso em: 17 maio 2007.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do Profissional da Informação no Brasil**. Brasília, DF: IEL, 1997.

TARGINO, Maria das Graças. Quem é o Profissional da Informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 61-69, jul./dez. 2000.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Atuação e Perspectivas Profissionais para o Profissional da Informação. In: _____ (Org.). **O Profissional da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 135-152.

VALERIO, Palmira Moriconi. **Espelho da Ciência: avaliação do Programa Setorial de Publicações em Ciência e Tecnologia da FINEP**. Brasília, DF: FINEP, IBICT, 1994. (Série Especial).

ZHAO, J. Leon; RESH, Vincent H. Internet publishing and transformation of knowledge process. **Communications of the ACM**, New York, v. 44, n. 12, p. 103-109, Dec. 2001.

ZIMAN, John Michael. **Conhecimento Público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

APÊNDICE A – Mensagem Encaminhada aos Editores dos Periódicos

Prezado Editor

Sou aluna do 8º semestre do Curso de Biblioteconomia da UFRGS e estou realizando um estudo para a minha monografia de conclusão de curso sob a orientação da Profª. Drª. Sônia Elisa Caregnato. Para tal estudo, necessito saber se existe algum profissional bibliotecário que auxilie no processo de editoração da vossa revista.

Em caso afirmativo, peço a Vossa Senhoria a gentileza de informar o nome e a forma de contato com o bibliotecário.

Atenciosamente,

Michele Carvalho Nunes

Aluna de Biblioteconomia da UFRGS

APÊNDICE B – Instrumento para Coleta de Dados

- 1) Como você atua no processo de editoração da revista? Quais são as suas atividades?
- 2) Há quanto tempo você exerce essas atividades?
- 3) Qual o seu grau de satisfação em relação ao seu trabalho na revista?
 - 1 Totalmente insatisfeito
 - 2 Insatisfeito
 - 3 Parcialmente satisfeito
 - 4 Satisfeito
 - 5 Totalmente satisfeito
- 4) Você encontrou alguma dificuldade no início das suas atividades, ou ainda encontra? Qual(is)?
- 5) Quais outras atividades você acredita que poderia desenvolver na revista?
- 6) O que mudou em relação ao seu trabalho com o crescimento da revista e/ou com o formato eletrônico, ou o que poderia mudar?
- 7) Quais conhecimentos você trouxe do Curso de Biblioteconomia que te ajudam a realizar o seu trabalho na revista?
- 8) Quais outros conhecimentos você acredita serem necessários para um bibliotecário trabalhar em uma revista científica?
- 9) Na sua opinião, qual a importância de existir um bibliotecário atuando nas revistas científicas?
- 10) Você gostaria de fazer algum comentário ou acrescentar algo?

APÊNDICE C – Quadro Sinóptico das Entrevistas

E.	Atividades	Tempo	Satisfação	Dificuldades
E. 1	Faz a normalização completa da revista e dos artigos.	Mais de 10 anos.	Escala: 4.	Não inclusão das correções realizadas por ela. Autores não seguem as normas de publicação.
E. 2	Participa de todas as reuniões, controla as correspondências por e-mail e também as permutas, atua na divulgação e em projetos e faz a normalização.	15 anos.	Escala: 5.	Nenhuma. Já havia outra bibliotecária atuando na revista antes dela.
E. 3	Revista 1: faz apenas a normalização da revista e a ficha catalográfica. Revista 2: participa de todo o processo do início ao fim. Faz as chamadas dos artigos, recebe e faz a distribuição destes, faz o contato com os autores, insere as correções do editor nos artigos, corrige a prova da revista quando volta da gráfica, ajuda a escolher as capas, participa de todas as decisões e ajuda na divulgação.	4 anos.	Escala: 5.	Não encontrou dificuldades.
E. 4	Faz a ficha catalográfica, a revisão das normas e a normalização dos artigos. Corrige a prova da revista.	Mais de 15 anos.	Escala: 4.	Teve resistência na implantação do SEER. Autores não seguem as normas de publicação. Identidade do editor.
E. 5	Ajudou na criação da revista, tomou decisões sobre toda a sua estrutura, leiaute e normas de publicação, cuidou do registro da marca da revista e do ISSN, faz a ficha catalográfica e a indexação nas bases de dados.	12 anos.	Escala: 5.	Sentiu dificuldade com a língua inglesa durante a criação da revista, pois os artigos eram em inglês.
E. 6	Faz a normalização da revista e o acompanhamento de todo o processo, envolvendo-se em todas as etapas. Dá treinamento para os bolsistas que trabalham para a revista, entra em contato com os autores quando necessário, ajuda na escolha das capas.	5 anos. Com maior participação no último ano.	Escala: 4.	Pouco pessoal para trabalhar na revista. Rotatividade de bolsistas. Autores não seguem as normas de publicação. Não inclusão das correções pela gráfica.
E. 7	Faz a normalização da revista, a indexação nas bases de dados e os índices de autores e de assuntos que saem no último fascículo de cada volume. Corrige a prova da revista.	4 meses.	Escala: 4.	Se adequar às regras e às peculiaridades da revista.
E. 8	Trabalha junto aos editores para a inserção da revista no meio eletrônico.	2 anos.	Escala: 4.	Convencer os editores a fazer a editoração eletrônica via SEER.

E.	Outras atividades	Impacto do formato eletrônico e do crescimento da revista	Conhecimentos do Curso de Graduação	Conhecimentos adicionais	Importância do bibliotecário
E. 1	Devido ao tempo disponível, acha que o que ela pode fazer já é feito.	Aumentou a sua participação com o aumento da periodicidade.	Referência, normas da ABNT, conhecimentos básicos.	Editoração, funcionamento de uma revista.	Manter um padrão na revista.
E. 2	Não vê outras atividades. Acredita que seria essa a rotina devido à estrutura da revista.	Aumentou a sua participação com a melhor qualificação no Qualis devido à grande procura dos autores em publicar.	Nenhum.	Normalização e indexadores utilizados na área.	Manutenção do padrão de qualidade da revista.
E. 3	Ajudar mais na divulgação da revista.	Acha que o formato eletrônico seria um desafio para ela.	Normalização. O resto aprendeu com o dia-a-dia.	Editoração eletrônica.	Valorização da biblioteca e do profissional. Dar um rumo na revista.
E. 4	Não vê outras atividades.	O formato eletrônico facilitou bastante, tornando mais ágil o processo, mas com o aumento da periodicidade, aumentou também o seu trabalho.	A importância de se manter um padrão na revista. A facilidade de se trabalhar com uma referência bibliográfica.	Idiomas.	Manter um padrão na revista.
E. 5	Fazer o índice da revista.	A revista sempre foi eletrônica.	Normalização, formato dos periódicos, ISSN.	Conhecer área, os pares, idiomas, e ter dedicação.	É bastante importante o bibliotecário estar inserido nesse meio e atuar junto a esse tipo de publicação.
E. 6	Ela já se envolve com todas as atividades da revista. Acredita que não haveria mais nada a ser feito.	Aumentou bastante o seu trabalho.	Normalização, conhecer um artigo científico, as regras da ABNT, identificação de documentos.	Informática, conhecimento de produção científica e da área.	É essencial a presença de um bibliotecário em todas as revistas científicas.
E. 7	Orientações aos pareceristas e aos autores, disponibilizando um e-mail para tirarem dúvidas, como um serviço de consultoria.	Não trabalha diretamente com o formato eletrônico, mas acredita que auxiliaria as suas atividades, tornando o fluxo mais dinâmico.	Noções básicas, indexação, descritores e normas.	Fluxo de uma revista.	O bibliotecário é fundamental para tornar a revista confiável, deixá-la dentro dos padrões, das normas.
E. 8	No momento o que ela está fazendo está bom, porque ela tem a ajuda da outra colega bibliotecária que cuida da normalização.	Mesmo não tendo ainda finalizado a editoração eletrônica da revista, prevê uma série de vantagens. Acha que agrega valor a qualquer título de periódico.	Nenhum.	Agregar conhecimentos da área da comunicação, como editoração e layout.	É muito importante a colaboração ou a manutenção de um bibliotecário na equipe de editoração de uma revista.

APÊNDICE D – Lista dos Periódicos Pesquisados

Periódico	Área
Acta Scientiae Veterinariae	Ciências Agrárias
Análise Econômica	Ciências Sociais Aplicadas
Anos 90	Ciências Humanas
Arqtexto	Ciências Sociais Aplicadas
Caderno de Farmácia*	Ciências da Saúde
Cadernos do IL	Lingüística, Letras e Artes
Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito	Ciências Sociais Aplicadas
Cena	Lingüística, Letras e Artes
Contexto	Ciências Sociais Aplicadas
Debates do Ner	Ciências Humanas
Educação & Realidade	Ciências Humanas
Em Pauta	Lingüística, Letras e Artes
Em Questão*	Ciências Sociais Aplicadas
Episteme	Ciências Humanas
Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*	Ciências da Saúde
Humanas	Ciências Humanas
Informática na Educação: Teoria & Prática	Outros
Movimento*	Ciências da Saúde
Organon	Lingüística, Letras e Artes
Pesquisas em Geociências*	Ciências Exatas e da Terra
Porto Arte	Lingüística, Letras e Artes
Produto & Produção	Engenharias
Psicologia: Reflexão e Crítica	Ciências Humanas
READ: Revista Eletrônica de Administração*	Ciências Sociais Aplicadas
Revista da Faculdade de Direito da UFRGS*	Ciências Sociais Aplicadas
Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre*	Ciências da Saúde
Revista de Informática Teórica e Aplicada	Ciências Exatas e da Terra
Revista do SAJU*	Ciências Sociais Aplicadas
Revista Gaúcha de Enfermagem*	Ciências da Saúde
Revista HCPA*	Ciências da Saúde
Sociologias	Ciências Humanas

* Periódicos da UFRGS que possuíam bibliotecários atuando no seu processo de editoração em maio de 2007.